

FREDERICO GOMES E SILVA MOREIRA

COMPREENSÃO LEITORA EM DEPENDENTES DE CRACK: UM ESTUDO
PSICOLINGUÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Linguística Aplicada, Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof^ª. Dra. Márcia Cristina Zimmer

Pelotas, Dezembro de 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M838c Moreira, Frederico Gomes e Silva
 Compreensão leitora em dependentes de crack: um estudo psicolinguístico.
 /. Frederico Gomes e Silva Moreira – Pelotas: UCPEL, 2010.

 88f.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de
 Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2010. Orientadora: Zimmer, Maria
 Cristina .

 1. drogadição. 2. crack . 3. compreensão leitora. 4. gêneros textuais. I.
 Zimmer, Maria Cristina (Or). II.Título.

Para meu pai Paulo, que fez de meu sonho seu próprio sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por me fazer prosseguir e entender a vida como uma oportunidade de aperfeiçoamento contínuo. Por fazer de nossa história um caminho que possibilite auxiliar a transformação de tantas outras.

De modo especial e carinhoso, à professora Dra. Márcia Zimmer, por compreender minhas dificuldades, acalmar minhas angústias e fazer de minha passagem pelo mestrado em Linguística Aplicada uma experiência desafiante e intensa. Pela seriedade no trabalho realizado, nas intervenções sábias e nas palavras incentivadoras.

Aos professores do programa de pós-graduação em letras da UCPEL, que contribuíram para minha formação, trazendo desafios constantes e vitórias em cada passo dado, o meu muito obrigado.

Às colegas do mestrado dentro do grupo de pesquisa em psicolinguística, que contribuíram, com suas conversas, materiais e incentivo, sendo esse último o mais importante, pois a cada encontro, a cada troca de experiência, a vitória de um representava fortalecimento e estímulo para os outros.

Aos demais colegas do mestrado, que me ajudaram nessa caminhada, pois a presença deles me fez perceber que estávamos todos no mesmo “barco”. Ver cada rosto preocupado com uma matéria ou prova trazia-me alento, pois via que, por mais que fossem da área de letras, todos traziam as mesmas preocupações e dúvidas. Graças a todos, percebi que iria até o fim.

Ao meu pai, Paulo Moreira, a razão de eu ir mais longe, pois seu incentivo, carinho e colaboração me trouxeram até aqui. Por ele acreditar que eu poderia ser um pesquisador e realizar meu grande sonho profissional.

Aos meus padrinhos Ernesto e Arminda, pois, sem dúvida, eles desempenharam muito bem seus papéis de segundos pais: as companhias sempre presentes, os almoços das quartas-feiras e as conversas ao telefone fizeram com que minhas inseguranças fossem reduzidas.

Aos meus avôs Ceni, Flávio, Daysi e Ernesto, por serem um exemplo de humildade e força perante a vida, e de confiarem sempre no futuro.

Aos meus amigos, que entenderam o momento pelo qual eu passava e estiveram sempre dispostos a me escutar. Por suas presenças, enquanto atravessava esse caminho. Pelas jantãs, padel e chimarrões, que faziam com que cada dificuldade da estrada fosse reduzida ao mínimo, pois sabia que estava acompanhado.

À minha namorada Lisiane, pelo carinho que acalma, na mão sempre estendida, nas palavras otimistas que sempre fizeram sentido. À sua família que também se fez presente, nesse momento de transição, em minha vida acadêmica.

Ao Hospital Espírita de Pelotas, por me possibilitar ser profissional e, ao mesmo tempo, pesquisador. Por ter aprendido, nessa instituição, que pequenas coisas podem modificar toda uma realidade. Por poder exercitar, em suas dependências, meu trabalho profissional, minha pesquisa e meu crescimento pessoal.

Aos CAEX, que não hesitaram em abrir suas dependências para essa pesquisa, e por seus internos que, de modo receptivo e carinhoso, receberam-me, trocando ensinamentos nesse mundo duro e cruel da drogadição.

Ao curso pré-Enem Michigan, por fazer de seu lugar de estudo um ambiente compartilhado, aos alunos que se dispuseram a participar e perder suas aulas e momentos de lazer.

A todos que me auxiliaram nessa vitória acadêmica e pessoal, sendo a mesma uma conquista não só minha, mas de cada um que participou dessa trajetória. Neste percurso, aprendi que tempo não é dinheiro, mas, sim, um tesouro para darmos àqueles que fazem parte de nossas vidas.

Não importa o que fizeram do homem, mas sim o que ele fez do que fizeram dele. (Sartre)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar o nível de compreensão leitora entre dependentes químicos, comparando-a com os não dependentes, em diferentes gêneros textuais. O estudo foi constituído de dois grupos, os usuários de drogas (G1) e não usuários de drogas (G2) cada grupo composto de 20 sujeitos. Para verificar a compreensão leitora, os participantes foram expostos a três textos, um do gênero fábula, outro do gênero conto e o terceiro do gênero divulgação científica para leigos, todos elaborados através do procedimento Cloze. O grau de dependência química, por sua vez, foi analisado por meio do teste ASSIST, que estabelece pontuações que indicam o nível de uso de drogas durante a vida dos sujeitos. Os resultados mostram que o grupo dos não usuários de drogas obteve maiores médias no procedimento Cloze em todos os gêneros textuais, mostrando assim um grau significativamente maior de compreensão leitora do que o grupo dos usuários de drogas. Os dados ainda sugerem a idéia de que a droga causa prejuízos em áreas importantes que se coadunam com a cognição de seus usuários, como funções de memória, concentração e controle de impulsos.

Palavras-chave: drogadição, crack, compreensão leitora, gêneros textuais

ABSTRACT

This work aims to examine reading comprehension levels reached by chemical dependents regarding several text genres as compared to that of non-dependents. The study subjects were divided into two groups of 20 people: G1, constituted by drug users, and G2, constituted by non-users. For testing subjects' reading comprehension levels, we used two narrative texts, a fable and a short story, and also an expository one, all of them prepared according to Cloze procedure. Chemical dependency stages were established by means of ASSIST test, which sets scores for identifying drug use stages through the lives of subjects. Results show that non-users present higher scores in Cloze procedure for all text genres used, which shows they have higher levels of reading comprehension than drug users. Data also proved that drugs damage important brain areas linked to users' cognition, such as memory functions, focus and impulses.

Keywords: drug addiction, crack, reading comprehension, text genre

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	O uso de PET-SCAM (tomografia por emissão de pósitrons) mostrando a diminuição no controle de impulsos no uso de cocaína	26
----------	--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Tipo de leitura preferida dos participantes do grupo G1	51
Gráfico 2	Média de horas de leitura ao dia entre os participantes do G1	51
Gráfico 3	Média de pontos do grupo G1 no teste ASSIST	52
Gráfico 4	Tipo de leitura preferida dos participantes do grupo G2	55
Gráfico 5 -	Média de horas de leitura dos participantes do grupo G2	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Diferenças entre drogaditos e não drogaditos no escore de total de acertos do teste Cloze 1. Pelotas, 2010	42
Tabela 2	Diferenças entre drogaditos e não drogaditos no escore de omissões do teste Cloze 1. Pelotas, 2010	43
Tabela 3	Diferenças entre drogaditos e não drogaditos no escore de total de acertos do teste Cloze 2. Pelotas, 2010	44
Tabela 4	Diferenças entre drogaditos e não drogaditos no escore de omissões do teste Cloze 2. Pelotas, 2010	45
Tabela 5	Diferença entre drogaditos e não drogaditos no escore de total de acertos do teste Cloze 3. Pelotas, 2010.	46
Tabela 6	Diferenças entre drogaditos e não drogaditos no escore de omissões do teste Cloze 3. Pelotas, 2010	47

SUMÁRIO

1 Introdução	13
2 DROGAS E LEITURA: UMA COMBINAÇÃO BOMBÁSTICA	15
2.1 Drogas	15
2.2 O uso de drogas na adolescência	17
2.2.2 O crack	19
2.3 Drogas e processos cognitivos: novos achados	20
2.3.1 A cognição humana	21
2.3.2 Os efeitos cognitivos da drogadição	24
2.4 Gêneros e tipos textuais	26
2.4.1 Sequência, tipos e gêneros textuais	28
2.5 Leitura e cognição	33
2.5.1 Leitura e compreensão leitora	34
2.5.2 Uma abordagem psicolinguística do processamento de diferentes gêneros textuais	37
3 – OBJETIVOS E MÉTODOS	41
3.1 Objetivos e hipóteses	41
3.2 Métodos	42
3.2.1 Tipo de pesquisa, população e seleção da amostra	42
3.2.2 Critério de exclusão	43
3.2.3 Instrumentos utilizados na amostra	44
3.2.4 Descrição e aplicação dos instrumentos utilizados na	45

	12
pesquisa	
3.2.4.1 Questionário de sondagem	45
3.2.4.2 O ASSIST	46
3.2.4.3 O procedimento Cloze	47
3.2.5 Participantes	50
4- Análise e discussão dos resultados	56
4.1 Apresentação e discussão dos resultados relativos à primeira hipótese	56
4.1.2 Apresentação e descrição e discussão dos resultados relativos à segunda hipótese	58
4.1.3 Apresentação e discussão dos resultados relativos à terceira hipótese	62
4.2 Discussão dos resultados relativos às três hipóteses	65
5- Considerações Finais	67
5.1 Resumos dos principais achados	67
5.2 Limitações do trabalho e direcionamentos futuros	68
6- Referências	71
Anexos	75

1 INTRODUÇÃO

As drogas estão cada vez mais presentes na vida dos jovens brasileiros, sendo responsáveis por diversos problemas nessa faixa etária. Devido ao consumo dessas substâncias, os jovens podem experimentar alterações fisiológicas, psicológicas e comportamentais significativas, como a mudança no ritmo cardíaco, estados de excitação, ansiedade, pânico, comportamentos compulsivos e diminuição do raciocínio.

No Brasil, até o início da década de 80, os estudos epidemiológicos não encontravam taxas alarmantes de consumo de drogas entre estudantes. No entanto, levantamentos realizados a partir de 1987 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre as Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo (CEBRID) têm documentado uma tendência ao crescimento do consumo (MARQUES, 2008). Questões cognitivas e educacionais ainda são pouco estudadas, dentro da perspectiva do uso de drogas, sendo um campo fértil de estudo e análises. A compreensão leitora é uma dessas questões.

Ler é uma atividade fundamental na sociedade letrada. Por meio da leitura, tem-se acesso a todo tipo de materiais e informações que contribuem e modificam nossas vidas. Esse processo não pode ser entendido apenas como uma simples decodificação, mas também como a habilidade de atribuir sentido ao que é lido. Assim, ler também envolve aspectos psicológicos, sociais, fenomenológicos, entre outros. Implica também a orquestração de vários outros processos cognitivos, como atenção, percepção, memória e reflexão. Como a relação entre leitura e cognição é estreita, e o uso de drogas exerce efeitos diretamente sobre a cognição do usuário, observa-se aí um triângulo de três vértices: cognição, uso de drogas, e leitura. A partir dessa triangulação, este trabalho tem como objetivo analisar, dentre os diversos aspectos envolvidos na leitura, o desempenho de jovens dependentes químicos de crack na compreensão leitora. Espera-se, assim, aprofundar um pouco mais a investigação dos efeitos de múltiplas drogas sobre a cognição humana, através do estudo da leitura.

O presente trabalho se dividirá em quatro capítulos, sendo o primeiro introdutório a este estudo. O segundo capítulo traz o marco teórico desta

pesquisa, abrangendo nove tópicos, que vão desde a relação entre cérebro, cognição e drogadição até o processo de leitura e a compreensão leitora. O terceiro capítulo se organiza em torno dos objetivos e do método adotado no estudo empírico. No quarto capítulo, são apresentados e discutidos os resultados. O quinto capítulo, por fim, apresenta algumas conclusões a respeito dos resultados, apontando as limitações do estudo e trazendo sugestões para futuros direcionamentos.

2 DROGAS E LEITURA: UMA COMBINAÇÃO BOMBÁSTICA

Neste capítulo discorreremos sobre as drogas e as consequências de seus usos para a leitura. Para isso, o capítulo está dividido em nove subseções, sendo que a primeira delas versa sobre o estudo das drogas e seu universo conceitual, sua terminologia técnica e sua relação de uso (2.1). Na seção que se segue (2.2), veremos o uso de drogas na adolescência e os aspectos sociais que contribuem para o uso nessa faixa-etária, abordando o álcool (2.2.1) e o crack (2.2.2). Ressaltaremos, ainda, os agentes incluídos no crack e seus efeitos maléficos ao organismo humano. Na seção 2.3, analisaremos os novos achados sobre o uso de drogas e suas relações com a cognição humana, trazendo ainda um breve histórico sobre a cognição (2.3.1), e explicando os efeitos cognitivos da drogadição (2.3.2), abordando as áreas envolvidas no processo da dependência química e sua ação no cérebro humano, bem como suas consequências para memória, controle de impulsos e demais processos. Na seção 2.4 discorreremos sobre leitura e cognição, fazendo um breve esboço sobre os conceitos que envolvem a leitura e seus processos cognitivos envolvidos (2.4.1).

2.1 Drogas

Droga é qualquer substância que modifica o sistema nervoso central, podendo inibi-lo, estimulá-lo ou perturbá-lo, trazendo, assim, prejuízos às funções do organismo do usuário. Sua estrutura é composta de diversas substâncias, que possuem componentes químicos e exercem sua ação em estruturas cerebrais complexas.

A droga é comumente designada como psicotrópico¹ e psicoativo, termos utilizados para mostrar sua ação e função no psiquismo dos usuários (BRICK et al , 1950). Existe uma diversidade de drogas. Quando se fala em uma medicação para suavizar um processo viral, ou melhorar uma infecção,

¹ O termo psicotrópico deriva da palavra grega *psico* (ou essência do ser) que deu origem à palavra psiquismo, aquilo que somos, pensamos e agimos em relação às coisas do mundo. Trópico aqui significa tropismo, que tem sentido de atração. A junção das palavras tem como significado “atração pelo psiquismo”, ou seja, drogas que atuam no sistema cerebral e psíquico dos seus usuários.

tem-se o uso de uma droga. Porém, a substância utilizada com finalidades que não sejam medicamentosas, no intuito de conseguir efeitos psicológicos adversos, é o que constitui uma droga psicoativa. Neste caso, seu emprego não requer a diminuição de uma patologia, mas, sim, o efeito desses componentes no organismo, alterando suas funções. Entretanto, não podemos confundir esse processo com a utilização de psicotrópicos para fins clínicos (antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos). Nesta situação, o uso é controlado e possui propriedades medicamentosas, mesmo modificando o psiquismo e podendo, em alguns casos, causar dependência.

O consumo de drogas tem sua história marcada desde a antiguidade. Seus primeiros relatos relacionam-se com a utilização de álcool no período paleolítico (BRICK, 1950). A China Antiga, Egito, Grécia, entre outros povos, também possuem ocorrências similares. Porém, o fenômeno da dependência é considerado recente, sendo caracterizado pela continuidade, no que se refere à utilização, trazendo prejuízos físicos, mentais e sociais ao indivíduo. O que difere o dependente do usuário abusivo é que o primeiro não tem consciência desses prejuízos e, por isso, nega sua existência. A dependência é, aqui, vista segundo os critérios do CID 10 Revisado (Classificação Internacional de Doenças): transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de substância psicoativa F10-F14, sendo F10 usado para designar o álcool, e F14, para referir a cocaína e drogas dela derivadas, como o crack. O emprego do CID 10 foi escolhido por abarcar uma nomenclatura internacional e por fazer parte de um esforço conjunto de diversos países, no diagnóstico das doenças mentais.

A dependência química, hoje, atinge um contingente cada vez maior da população. Isso ocorre por diversos motivos, como o baixo custo de algumas drogas, acessibilidade e disponibilidade. Entre esses fatores, o preço merece destaque, caracterizando-se como um denominador importante para a escolha da substância psicoativa. Entre as drogas lícitas, o álcool é considerado a principal, seguido do tabaco. Entre as ilícitas, a maconha é a que possui maior procura, pois aspectos sociais significativos interferem no processo de escolha, como a ideia de ser uma substância leve e que não traz prejuízo à saúde. Nesse contingente, a adolescência é a faixa etária mais afetada, no que se refere à drogadição. No Brasil, a média de idade dos usuários iniciantes é de 12 anos (MARQUES, 2008). Aspectos sócio-econômicos e psicológicos

também corroboram para que esse grupo etário possua maior contato com esses componentes psicoativos. Segundo Kessler et al (2003), os jovens envolvidos com drogas tem a classe médio-baixa e baixa como faixa econômica dominante. A disponibilidade da droga, a morada em locais de risco e o uso abusivo, por outros membros da família, durante a infância, são outros fatores que contribuem para o consumo nessa faixa etária.

Nos estudos referentes ao universo das drogas, muitos questionamentos ainda se mostram sem soluções, como as questões relacionadas aos fatores que levam à dependência, seus mecanismos e sua relação na cognição e no comportamento humano.

Na seção seguinte, será abordado o panorama da dependência química e sua relação de uso na adolescência, entendendo os aspectos epidêmicos e as consequências para essa faixa etária. Será, também, importante se ter em mente a sua dinâmica e complexidade de estudo. Na seção seguinte, dividiremos o álcool e a cocaína/crack, no intuito de discorrer mais sobre suas funções e características específicas.

2.2 O uso de drogas na adolescência

A adolescência é uma fase de transição. No campo das mudanças psicofisiológicas, o jovem é levado, de forma quase que passiva, a transformações físicas e biológicas. Os aspectos sociais, nesse período, são de extrema importância, pois o grupo social se torna essencial para a construção da personalidade do adolescente e da formação do seu modo de pensar, de interagir e de conviver com o mundo que o cerca. Tendo esse papel determinante na formação das relações adolescentes, o grupo também manifesta seus gostos e regras próprias. Portanto, se o meio do qual o adolescente faz parte estiver experimentando drogas, o jovem poderá ser pressionado a usá-las (MARQUES, 2008). Porém, outros fatores podem contribuir para o início do uso dessas substâncias, como conflitos familiares, baixa-renda, utilização de drogas por familiares, violência doméstica, entre outros. O início do uso de drogas pelo adolescente caracteriza-se por uma forte progressão de múltiplas drogas (SANCHEZ; NAPPO, 2002). O tabaco e o álcool são as substâncias lícitas que possuem um papel iniciador nesse

processo. Já as ilícitas, que têm preferência de uso entre os jovens, são a maconha e os inalantes.

Estudos epidemiológicos² têm mostrado que algumas drogas, como o crack, são muito consumidas, fato que vem sendo visto por muitos como uma epidemia entre jovens das grandes metrópoles brasileiras. O álcool se mantém como uma das drogas mais usadas entre jovens, a partir dos 13 anos de idade, e seus números são expressivos, devido à aceitação de seu consumo por grande parte da sociedade, possibilitando um consumo livre dessa substância (MARQUES, 2008; HENRIQUE et al, 2004). Além disso, outro fator determinante, dentro do uso de drogas, entre a fase adolescente, é a consequência das co-morbidades psicológicas³, que vêm se mostrando bastante significativas. Segundo Westermeyer (1979), a existência de co-morbidades, na população usuária de drogas, tem-se mostrado positiva e, dentro do contingente adolescente, esse número atinge grande escala. No início da década de oitenta, esses dados já eram expressivos, porém o aumento do número de usuários e a existência de patologias psicológicas, concomitantemente, fazem com que o uso de drogas na adolescência tenha uma relação quase que direta.

Um ponto adicional a isso é o fato de que, nessa fase da vida, o jovem se depara com todo um contexto de mudanças, que ocorrem em sua fisiologia, pelo uso dessas substâncias psicoativas, levando-os a tomar atitudes e mudanças comportamentais significativas, sendo a violência uma delas (FISHBEIN, 2000). O envolvimento em situações de risco tem feito muitos jovens apresentarem desvios graves de comportamento, como o transtorno opositivo desafiador, transtorno de conduta, tendo a marginalidade como uma das formas para se conseguir conviver com a drogadição. Um outro fato é a desistência da escola, baixo rendimento escolar e problemas relacionados à atenção e à memória. Nesse ponto, Oliveira (2005) mostra os prejuízos às funções cognitivas, como a atenção, memória, concentração e percepção, em jovens usuários de drogas, demonstrando um empobrecimento nessas funções, se comparadas a adolescentes não-usuários. Com isso, o uso de

² Os estudos epidemiológicos se caracterizam por pesquisas com grandes populações, que possibilitam perceber tendências quanto ao número de usuários, dependentes e drogas mais consumidas.

³ Co-morbidades é a existência de mais de uma patologia atuando no mesmo quadro.

drogas por jovens se mostra como um dos grandes problemas sociais desse século, fazendo com que a sociedade se mobilize e se volte mais para essa problemática, na busca de uma rede de ajuda e intervenções mais adequadas a esses usuários.

2.2.1 O crack

Algumas drogas estimulam o Sistema Nervoso Central (SNC). A ação das mesmas se localiza nas ações dopaminérgicas e noradrenérgicas. O crack está inserido nesse grupo. Essa substância surgiu através das impurezas da cocaína (Erythroxyton coca⁴), sendo constituída à base do cloridrato⁵ de cocaína. Através de processos químicos, como a utilização de solvente orgânico, como querosene ou gasolina, e também o ácido sulfúrico, sua composição se torna altamente prejudicial para o SNC e outros órgãos.

Por estar em estado sólido, o crack necessita de uma temperatura alta para ser consumida, o que o torna possível de ser utilizado na forma de fumo. O mesmo não ocorre com a cocaína, que precisa de altas temperaturas para ser transformada em pó, podendo ser usada de forma aspirada. Por ser utilizado na forma de fumo, o crack, como a merla⁶, tem sua ação em apenas 10 a 15 segundos, em comparação à cocaína, que tem seu primeiro efeito após 10 a 15 minutos. Já quanto à duração do efeito, o crack tem um tempo médio de 4 a 5 minutos, sendo que suas características são consideradas mais poderosas. Assim, essa substância tem efeitos muito mais nocivos e rápidos, se comparados com os do álcool, que tem sua degradação muito mais lenta e gradual; além disso, o crack ataca o sistema respiratório, cardiovascular⁷, além de prejudicar o desempenho em tarefas que exigem a integridade de funções cognitivas.

⁴ Nome científico da planta da coca, tendo sua origem de produção na América do sul e sendo usado como chá em muitas culturas sul - americanas.

⁵ O cloridrato é a base envolvida na elaboração da cocaína e também na do crack

⁶ Merla é uma droga advinda das impurezas do crack. Seu uso é recente e sua forma de ação é parecida com a do crack, porém se mostra mais poderosa. Mas suas características e potencial de ação e de dependência ainda são desconhecidos, tendo ainda poucos estudos sobre sua utilização.

⁷ Um dos principais problemas do usuário do crack é o cardiovascular, sendo que muitos sofrem de ataques cardíacos, arritmias, entre outros. Não é difícil de achar relatos de usuários que confirmam a sensação de que o “coração parece que vai sair do corpo”, isso por causa do aumento nos batimentos cardíacos.

No que circunda as funções cognitivas, o uso de drogas tem, em um primeiro momento, grande impacto nas funções perceptivas e sensoriais, tais como prejuízo no senso de realidade, debilidade motora, falta de senso crítico e sensações de grande-valia.

Em um segundo momento, funções cognitivas como regulação de sono e fome, excitação, hiperatividade, entre outras, são afetadas. Porém, o uso abusivo e prolongado de substâncias psicoativas traz um prejuízo maior ainda aos usuários em mecanismos cognitivos, como a atenção e a memória. Já foram feitos vários estudos sobre o decremento de funções relativas à memória entre dependentes químicos (BATISTA, 2010). Contudo, pouco ou nada foi investigado no que se refere ao desempenho de dependentes químicos, na compreensão textual, que depende muito de estratégias de leitura ligadas à memória. Em decorrência dessa lacuna na literatura, a pesquisa aqui proposta focaliza o desempenho de dependentes químicos na compreensão leitora.

Na próxima seção, faremos uma análise das consequências neurológicas, fisiológicas e psicológicas do uso das drogas, a fim de abrir a discussão sobre a relação entre o uso de drogas e a cognição humana, discussão essa que configura um dos vértices desta dissertação, trazendo um olhar sobre a relação entre uso de drogas, cognição e leitura.

2.3 Drogas e processos cognitivos: novos achados

A procura pelo entendimento das consequências das drogas sobre o psiquismo e sobre processos cognitivos humanos possui grande destaque na literatura científica da área. Diversos pesquisadores estão realizando estudos em torno desse assunto, motivados pela vontade de desvendar os mecanismos de ação das substâncias psicoativas nos sistemas cerebrais. Para que possamos nos debruçar sobre esse assunto, cabe primeiramente uma breve apresentação panorâmica do arcabouço complexo que é cognição humana, tratado na primeira parte desta seção. Em seguida, na segunda subseção, apresentaremos um breve apanhado de estudos sobre os efeitos da drogadição no sistema cognitivo humano.

2.3.1 A cognição humana

O conceito de cognição é muito complexo, tendo em vista a gama de processos envolvidos em sua estrutura. Em sua história de avanços, a neuropsicologia cognitiva tem se fundamentado como um arcabouço teórico importante, tendo em sua gênese a preocupação clássica entre mente e cérebro.

O estudo dessa relação foi inicialmente embasado por filósofos como Diógenes de Apolônia (século IV a.C.), que teve sua explicação unificadora para as funções fisiológicas, psíquicas e cósmicas, passando por Hipócrates (460-355 a.C.), que considerava a mente a sede da inteligência. Platão (428/7-347 a.C.) levantou a ideia de que o coração constituiria a força vital da alma, sendo seguido por Aristóteles (384-322 a.C.). Diversos trabalhos seguintes tentaram explicar a mente como processos fisiológicos, tendo em Galeno (129-200 a.C.) um de seus representantes máximos na idade antiga. Para ele, os nervos seriam condutos que transportariam os fluidos secretados pelo cérebro e medula espinhal para outras partes mais periféricas do corpo. Em seus trabalhos, podemos perceber os primeiros escritos sobre uma fisiologia completa.

Após esse período de grande estudo anatômico, ocorreu outro momento nos estudos da relação mente e cérebro, que foi o das teorias evolucionistas de Darwin em meados do século XIX. A partir de seus apontamentos biológicos, a psicologia estabeleceu um elo com a neurologia e com as teorias funcionais decorrentes disso, como os estudos de comportamento de Thorndike (1913), Watson (1928) e Skinner (1972).

A cognição, ou atividade mental, é descrita como a “aquisição, armazenamento, transformação e a aplicação do conhecimento” (MATLIN, 2004, p.2). Segundo Sternberg (2000), a cognição se relaciona ao “modo como às pessoas percebem, aprendem, recordam, pensam sobre a informação” (p.22). Para Smith (1989), a cognição é vista como “uma determinada organização do conhecimento no cérebro, ou o processo de organização de tal conhecimento” (p. 361). Sendo assim, nos alerta Flavell:

A imagem tradicional da cognição tende a restringi-la aos processos e produtos mais chamativos e inequivocamente “inteligentes” da mente humana. Essa imagem inclui entidades psicológicas do tipo definido como processos mentais superiores tais como o conhecimento, a consciência, a inteligência, o pensamento, a imaginação, a criatividade, a geração de planos e estratégias, o raciocínio, as inferências. (FLAVELL, 1999, p. 9).

Sendo assim, as funções da cognição estão em todo campo de atividades mentais envolvidas nas realizações de tarefas e de armazenamento do conhecimento adquirido, e a aplicação ativa desse conhecimento no mundo. Dentro desse sistema, temos diversos processos mentais, tais como atenção, memória, percepção, linguagem, raciocínio, tomada de decisão e metacognição. Imagine um desafio de identificação de fatos históricos. A partir desse momento o sujeito faz estratégias para a resolução desse problema (meta), analisa seu conhecimento sobre o assunto (metacognição)⁸, e evoca conhecimentos que tenha sobre o tema (memória), além da atenção e da linguagem. Nesse simples exemplo, podemos observar a complexa rede de atividades cognitivas envolvida em uma tarefa de identificação de fatos históricos.

A ciência cognitiva está entrelaçada à psicologia cognitiva, ciência essa que teve seu desenvolvimento atrelado a diversas teorias sobre a construção do conhecimento. Desde filósofos como Aristóteles, em suas leis sobre a importância da imagética mental (ou representação mental do mundo externo), passando para o final do século XIX, com o laboratório experimental de Wilhelm Wundt (considerado o pai da psicologia, ou o fundador da psicologia científica), em Leipzig, na Alemanha. Esse laboratório fundou, pela primeira vez, uma análise científica de padrões cognitivos e elaborou uma ciência, em ambiente controlado, podendo assim ter a observação em condições criteriosas. Sua técnica, chamada *introspecção*, teve grande impacto nas ciências humanas. Nela, observadores poderiam analisar, de forma sistemática, as próprias reações e sensações, relatando-as de forma o mais objetiva possível. Tentando

⁸ A metacognição se constitui em uma capacidade de ter consciência sobre a consciência; é a capacidade de estar ciente do próprio processo de leitura, de compreender o que se está compreendendo; é o momento em que o leitor se volta para si e se concentra não no conteúdo que está lendo, mas sim no caminho que está fazendo para chegar ao conteúdo (FLAVELL, 1999).

ser objetiva, a análise, feita por seus alunos, parecia, entretanto, a todos os pesquisadores cognitivistas da época, muito subjetiva para ser levada ao campo científico.

Após esse momento, a Psicologia Cognitiva deu um passo com as pesquisas de memória. E é nesse campo que William James (1890) destacou-se, trazendo, para as ciências cognitivas, grande contribuição com seu trabalho sobre o sistema de memória de curto prazo e outro sistema, que denominou de memória duradoura.

No início do século XX, uma nova teoria se propunha a “desvendar” o comportamento humano de forma observável e objetiva. Esse campo, influente nos Estados Unidos, constituiu-se na abordagem behaviorista. Ela enfatizava os estímulos ambientais, que determinavam o comportamento, rejeitando a idéia dos pensamentos internos, idéia e pensamentos MATLIN (op.cit.). Nesse quadro de sistematização, o behaviorismo, de forma relevante para a metodologia, dentro da área cognitiva, faz uma ressalva ao fato de que, nessa abordagem, o crescimento é pouco para o entendimento das atividades mentais.

No decorrer do mesmo período, na Europa, surge outra abordagem, denominada *Gestalt*. Nela, os fenômenos psicológicos são vistos em sua totalidade de experiência, possuindo uma organização que lhe é inerente. Um exemplo famoso, dado por essa abordagem, é o *insight*, que auxilia na solução de problemas, como quando algo nos parece sem nexo, sem sentido aparente, e, logo após, em um súbito instante, um flash faz com que tudo se encaixe perfeitamente.

Após esse momento, a ciência cognitiva chega à metade do século XX, com novos meios de entender a cognição. Nesse período, após o desapontamento com a teoria behaviorista, novos modelos foram sendo criados. Com o advento da ciência computacional e da ciência da comunicação, outro modelo ocupou o cenário da psicologia cognitiva, a abordagem do processamento da informação. Nela, os processos mentais poderiam ser compreendidos, quando comparados com as operações realizadas por um computador. Essa informação era armazenada por meio de um sistema composto por uma série de estágios que se correlacionam passo a passo MATLIN (op.cit.). Esse modelo tentava dar conta dos processos da memória

humana, tendo a teoria da abordagem-padrão, chamada “**modelo modal**” de Atkison-Shiffrin, um dos modelos que se tornou mais popular nos anos sessenta. Nele, compreendia-se que a memória era uma sequência de etapas distintas, onde as informações transferiam-se de uma área de armazenamento para outra.

Durante o desenvolvimento das ciências cognitivas, uma abordagem cresceu muito: a neurociência cognitiva. Ela estuda, dentre outros fenômenos, lesões cerebrais complexas. Com o advento das novas técnicas de imagens cerebrais, houve grande avanço nos estudos de neurocognição. Os processos cognitivos baseiam-se em operações paralelas, e não em operações seriais, tendo ainda esse processo uma distribuição em uma área relativamente ampla, no córtex cerebral. O ambiente e os aspectos biológicos são importantes para a construção e o desenvolvimento da cognição (MCCLELLAND et al.,1995).

Com o breve panorama apresentado sobre a cognição humana, podemos analisar a grande gama de construtos que envolvem o mundo das ciências cognitivas, que tentam compreender um número cada vez maior de processos e descoberta dessa área. Porém, um desses processos é o motriz da presente pesquisa, a compreensão leitora, processo esse de muita complexidade, por se tratar de uma ferramenta sofisticada e de grande evolução. A partir dela, nós podemos trazer à mente reflexões sobre a relação entre o uso de drogas e a cognição, tema da próxima seção.

2.3.2 Os efeitos cognitivos da drogadição

No final do século XX, com os avanços das neurociências e da expansão da neuroimagem, uma nova revolução no entendimento sobre os efeitos da drogadição no cérebro foi possível. A neuroimagem funcional, que mostra o fluxo sanguíneo no cérebro e sua ação em tempo real, abriu-nos a porta do entendimento sobre a funcionalidade dos lobos cerebrais e as demais áreas a eles associados, como ação e inibição e intercomunicações entre lobos e seu determinado resultado. No que concerne o estudo da drogadição, diversos trabalhos atrelam o uso de substâncias à mudança na funcionalidade cerebral. Segundo Volkow (1999), no que tange ao uso de cocaína, as mudanças nos receptores de dopamina se mostram importantes (figura 1).

Nessa análise, o uso de cocaína foi associado a uma diminuição na presença de dopamina, na fenda sináptica, ou como comumente é chamado de diminuição no reforço de dopamina no meio sináptico. Além disso, a via dopaminérgica mesocorticolímbica é a mais referida quanto à ação dessa substância (BATISTA, 2010), mas também áreas como o giro do cíngulo, córtex orbitofrontal e córtex frontal também se mostram associadas.

A cocaína também se liga aos transportadores, não só da dopamina, como também de serotonina e noradrenalina, o que alias está relacionada intermitentemente a grande expansão dos efeitos dessa substância no organismo. Essa substancia tem ainda forte influencias não só nas áreas relacionadas acima, mas também dentro de uma complexa gama de processos biológicos correlacionados.

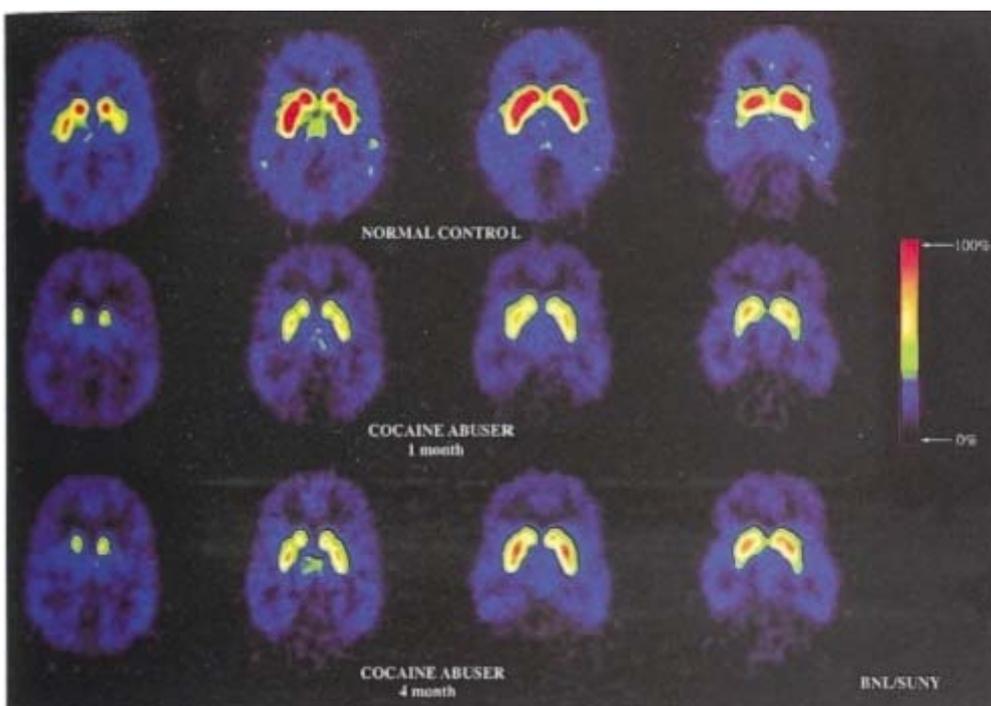


Figura 1. O uso de PET-SCAM (tomografia por emissão de pósitrons) mostrando a diminuição no controle de impulsos no uso de cocaína (VOLKOW, 1999)

Outro ponto basilar é a área afetada (por mais que diversas regiões estejam associadas) pelo uso desse psicotrópico no cérebro. Primeiramente, o

sistema mesolímbico/mesocortical⁹ é constituído pela área tegumentar ventral mesencefálica, cujas projeções dopaminérgicas chegam até o prolongamento do hipotálamo, o núcleo accumbens, a área septal e o giro do cíngulo. Esses mecanismos de recompensa são reguladores da motivação e da busca por alimento, sexo e de situações que provocam prazer (FUENTES, 2008).

Alguns aspectos relacionam o uso de drogas, em especial a cocaína, à perda do autocontrole (BATISTA, 2010; FUENTES, 2008; FILLMORE, 2003; VOLKOW, 1999; FISHBEIN, 2000), sendo esse aspecto um dos mais relatados na literatura sobre o uso de drogas. Outro ponto relevante é a problemática envolvendo as funções executivas (já relatadas anteriormente) e a atenção, tendo todos eles implicações consideráveis, no nível de desempenho, em tarefas como leitura, cálculo e resposta rápida, em trabalhos que exijam ação viso-motor.

É considerável a lacuna existente entre o uso de substâncias psicotrópicas e suas implicações nos aspectos educacionais e/ou nas tarefas de resolução de problemas. Por esse motivo, é necessário sempre fazer esse elo entre a neurociência e seus achados, com os diversos campos do saber cognitivo e humano. Dessa forma, poderemos ampliar nosso entendimento sobre os prejuízos reais do uso de substâncias em seres humanos. Mas qual serão os prejuízos dos usuários de drogas em relação à leitura? Qual será a verdadeira implicação desse uso em tarefas que exijam altas habilidades de reflexão? Será que a utilização dessas substâncias pode prejudicar a compreensão de textos? A resposta para essas e outras indagações é o que tentaremos descobrir nas seções seguintes.

2.4 Gêneros e tipos textuais

Os estudos sobre o gênero textual vêm se estabelecendo desde Platão e Sócrates dentro da retórica, passando por Aristóteles, Horácio e Quintiliano, pela idade média, o renascimento e a modernidade, até o início do século XX (MARCUSCHI, 2008). É com Aristóteles inclusive que surge uma teoria mais sistemática sobre o gênero e sobre a natureza do discurso,

⁹ Conhecido como círculo de recompensa.

colocando três gêneros de discurso retórico: o discurso deliberativo (servia para aconselhar/desaconselhar), o discurso judiciário (função de acusar/defender) e o discurso demonstrativo (elogio/censura). Essa visão de Aristóteles foi amplamente desenvolvida na idade média, quando a retórica se desenvolveu. Após a passagem da Idade Média surge o pensamento renascentista com o estudo da gramática neolatina nos estudos textuais-estilísticos, trazendo a importância de fatores como a sistematicidade, objetividade e distanciamento do objeto, todo esse pensamento sendo tecido através do advento do estudo do conhecimento científico, com a revolução cartesiana e o desenvolvimento das ciências.

No século XVIII, através do estudo da Estilística, o estudo do texto se contrapôs a questões meramente gramaticais (lógico), pois a Estilística propiciava a investigação de questões mais subjetivas e idiossincráticas, ocupando, assim, um lugar de destaque nos estudos sobre o texto (BONINI, 2005).

Na entrada do século XX, os estudos da linguagem sofreram grande modificação através da fundação da Linguística como ciência por Ferdinand de Saussure, que estabeleceu a dicotomia entre *langue* (língua) e *parole* (fala), sendo a primeira o objeto da linguística. Nessa época, o texto foi colocado como um dos objetos de estudo da *parole*, embora fique evidente que na teoria saussuriana o interesse circunscreva-se aos limites da fala e não do texto. Nesse momento histórico a Estilística e a crítica literária começam a se interessar por esse aspecto da linguística.

Na década de sessenta a linguística textual se coloca novamente em destaque através do trabalho de Pêcheux sobre Análise do discurso, no qual expõe o olhar leitor a opacidade (materialidade) do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz (Orlandi, 2005).

Nos anos setenta o texto a corrente convencional de estudos linguísticos está focalizada na frase. A partir da teoria gerativo-transformacional de Chomsky, a "gramática" é vista como um conjunto restrito de regras (interiorizadas por todo locutor) que, sob a forma explicitada na teoria gramatical, explicam a criação de um conjunto infinito de frases, obtidas por

transformação a partir de um conjunto relativamente restrito de frases abstratas a mais "simples" (MARCUSCHI, 2008).

Paralelamente ao movimento formalista da gramática gerativista, houve uma corrente da Linguística que começou a questionar se o seu objeto deveria se limitar à frase, propondo a ampliação do conceito de competência linguística para competência comunicativa. Essa noção de competência extrapolava o limite da frase, tomando o texto como o objeto de estudo da linguística: surgia aí a Linguística Textual. Segundo Koch, nessa etapa o texto era concebido como "signo linguístico primário" (HARTMANN, 1968); assim, nessa fase inicial da Linguística Textual o estudo era focalizado nos mecanismos interfrásticos que fazem parte do sistema gramatical da língua, "cujo uso garantiria a duas ou mais sequências o estatuto de texto" (KOCH, 2004, p. 3). Nessa época surgiram diversas vertentes, todas explorando fenômenos relacionados à estruturação interfrástica responsável pelos mecanismos de coesão e coerência. Assim, nos anos 70 e 80 estudiosos como Charrolles (1978) e Halliday (1976), dentre outros, investigaram questões relacionadas à pronominalização, correferência (anáfora, catáfora), substituição, elipse, dentre outros.

Assim, a conceitualização do que é um texto nas etapas iniciais da Linguística Textual difere da noção mais atual, principalmente a partir dos estudos que diferenciavam sequências e gêneros textuais. Portanto, poderíamos afirmar que os estudos da primeira fase da Linguística Textual detinham-se sobre sequências e sua estruturação, tendo como objeto atingir a coesão textual (Koch, 2004).

Na próxima seção, será brevemente apresentada a teoria de Adam (1992) sobre a diferença entre sequências textuais e gênero textual, o que permite que se dê início à diferenciação básica entre tipo e gênero textuais.

2.4.1 Sequências, tipos e gêneros textuais

Embora inicialmente se coloque fora da Linguística Textual, Adam (1992) engloba em sua teoria da interação sociodiscursiva estudos da estruturação linguístico-textual. Assim, em sua formulação, o gênero é

concebido como categorias de natureza prático-empíricas, prototípicas e reguladoras do enunciado (BONINI, 2005). Adam distingue gênero de sequência textual, sendo aquele um componente de interação social e este um encadeamento de esquemas em interação dentro de um gênero. Nesse caso, os gêneros são vistos como uma organização linguístico-formal (sucessão organizada de proposições), ao passo que as sequências se realizam nos gêneros mediante ordem discursivo-genérica (ocorrendo na configuração pragmática).

Adam (1992) concebeu inicialmente em sua teoria sete tipos de sequências textuais: narrativa, descritiva, argumentativa, expositivo-explicativa, injuntivo-instrucional, conversacional e poético-autotélica. Posteriormente o autor reduziu esse número para cinco: narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa, dialogal. O autor postulou também que a sequência narrativa se caracterizaria por apresentar seis características: 1) sucessão de eventos: a narrativa consiste na delimitação de um evento inserido em uma cadeia de eventos alinhados em ordem temporal; 2) unidade temática: a ação narrativa necessita ter um caráter de unidade; para isso, o texto conta com um sujeito agente que será o mais importante das ações; 3) predicados transformados: o desenrolar de um fato implica a transformação das características do personagem; 4) processo: a narrativa deve ter um início, um meio e um fim; 5) intriga: conjunto de causas, orquestradas de modo a sustentar os fatos narrados; 6) moral, que se dá em muitas das reflexões sobre os fatos narrados e que pode encerrar a verdadeira razão e causa de toda a história.

Ainda segundo Adam (1992), a sequência argumentativa se desenvolveria no sentido elementar de dar direção à atividade verbal para o convencimento do outro, e o discurso do falante teria como objetivo modificar a visão do outro sobre determinado objeto.

A sequência descritiva é vista como a sequência menos autônoma dentre todas. Ela raramente está presente como predominante dentro de um texto, pois sua ocorrência mais característica é como uma parte da sequência narrativa, sendo mais importante na parte inicial (a situação) quando é introduzido o espaço dos personagens do fato (BONINI, 2005). A sequência descritiva não apresenta uma ordem fixa, ao contrário das demais sequências. Adam relaciona três partes para a descrição: 1) uma ancoragem, onde se

estabelece um tema-título; 2) uma dispersão de propriedade, que contém dois processos básicos- a aspectualização e o estabelecimento de relação; 3) uma reformulação, onde se tem uma nova visualização geral do tema.

A sequência explicativa costuma ser chamada também de exposição, porém Adam não acredita que haja uma sequência expositiva, mas sim uma sequência explicativa. Com isso, os casos apontados como exposição podem ser regularmente reinterpretados como descrições ou, na maioria dos casos, como sequências explicativas, explica Adam. Ambas as sequências têm como característica prover uma resposta à questão “Como?”. Essa resposta, na descrição, tem uma forma procedimental, no sentido de responder a essa questão. O texto, nesses termos, descreve os passos para se atingir um objetivo. O propósito da explicação é construir um desenho claro de uma idéia. Além disso, a sequência explicativa também se diferencia da argumentativa, pois não visa a modificar uma crença (visão de mundo).

Por último, temos a sequência dialogal, que tem em seu componente principal um dos gêneros textuais mais característicos da comunicação humana: a conversação e suas variantes. Essa sequência traz uma característica fundamental: essa sequência é vista como sendo uma forma textual construída por um único interlocutor (falante/escritor). A composição da sequencial dialogal se dá pela emissão de enunciados de um interlocutor e outro, havendo assim dois tipos de sequências: as fáticas e as transacionais (BONINI, 2005). As fáticas são ritualísticas e abrem e fecham interações, ao passo que as transacionais compõem o corpo da interação, onde está realmente o ato comunicativo, tendo como exemplo máximo o padrão de pergunta/resposta.

Sem dúvida, o trabalho de Adam (1992) colaborou muito para pensarmos sobre o debate sobre gêneros textuais, pois ele sistematizou o estudo dos gêneros por dois prismas: através da análise das sequências textuais e do caráter sócio-discursivo das mesmas.

Outra teoria importante no campo dos gêneros textuais foi a visão sócio-retórica de Swales (1990), que analisava o texto em seu contexto, não podendo ser completamente entendido e interpretado apenas por meio de uma análise de elementos linguísticos. O autor acredita que o conhecimento do gênero depende de conhecimentos além daqueles pertinentes ao próprio texto. Para

Swales, o gênero apresentaria cinco características; a primeira delas seria a ideia de classe. Essa característica vê o gênero como uma classe de evento comunicativo, em que ocorre a (re)constituição do discurso dos participantes e do ambiente onde o discurso é produzido.

A segunda e mais importante característica seria a de que o gênero constituiria uma classe de eventos comunicativos que compartilham um propósito comunicativo. Isso se daria em função da ideia fundamental de que os gêneros tem uma função de realizar um objetivo.

A terceira característica seria a prototipicidade, definida como o conjunto de traços específicos na definição do gênero. Por outro lado, pode-se usar o critério de semelhança para a classificação do gênero, ou seja, a inclusão do gênero pode ser determinada pela a semelhança com outros textos na grande família do gênero (HEMAIS, 2005).

A quarta característica do gênero seria a razão ou a lógica subjacente ao gênero, ou seja, a lógica pela qual os membros da comunidade reconhecem o gênero e assim convencionam seus propósitos.

A quinta característica, por fim, seria a terminologia elaborada pela comunidade discursiva¹⁰ para seu próprio uso, sendo que os termos atribuídos aos gêneros são indicadores de como os membros mais experientes e ativos da comunidade que dão nome aos gêneros.

Essas características do gênero textual, pela visão de Swales (1990), dão ao estudo textual ferramentas importantes sobre o lugar do texto em sua análise com as comunidades que o utiliza, trazendo o uso dinâmico do gênero

É importante colocar aqui as considerações de Marcuschi (2008), que analisa as diferenças existentes entre os conceitos de tipo textual, gênero textual e domínio discursivo. A noção de tipo textual, para esse autor, vai ao encontro da noção de sequências textuais de Adam. Assim, o tipo é uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais relações lógicas). O tipo caracteriza-se muito mais como sequência linguística (sequência retórica) do que como textos

¹⁰ A noção de comunidade discursiva é empregada em relação ao ensino de produção de textos como uma atividade social realizada por comunidades que tem convenções específicas e para as quais o discurso faz parte do seu comportamento social.

materializados; a rigor, são modos textuais. Para o autor, em geral os tipos textuais abrangem categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Esse conjunto de categorias é limitado e sem tendência a aumentar. Os gêneros textuais, por sua vez, referem-se ao texto materializado em situação comunicativa recorrentes. Assim, de acordo com Marcuschi, os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Contrariamente aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situação comunicativas e se expressam em designações diversas, sendo formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. Constitui muito mais uma “esfera de atividade humana” no sentido Bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo, discurso político, discurso religioso, discurso jornalístico etc..). Esse domínio não abarca nenhum gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados.

Dessa forma, de acordo com Marcuschi (2008), os gêneros constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder. Sendo assim, as definições de gênero, tipo e domínio são mais operacionais do que formais. Dessa forma, na noção de tipo textual predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadoras; e para a noção de gênero textual, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações e propósitos como também inserção sócio-histórico.

Percebemos, então, que o gênero textual se constitui em uma importante ferramenta de análise dentro do campo dos textos, pois através de seu estudo podemos perceber as atividades discursivas, suas inserções e ações sociais. O estudo dos gêneros também engloba uma descrição da língua através de uma visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua (MARCUSCHI, 2008). Outro ponto importante a ressaltar é que os gêneros textuais têm um propósito bastante

claro que os determinam e lhe fornecem uma esfera de circulação. Aliás, os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.

Além disso, quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Há consequências psicolinguísticas de alta relevância envolvidas no uso do gênero textual, uma vez que a cognição é situada¹¹. A próxima seção discorre sobre leitura e cognição, discutindo as implicações cognitivas relativas ao processamento de diferentes gêneros textuais.

2.5 Leitura e Cognição

A leitura está relacionada com a cognição; uma das habilidades cognitivas de mais alto nível envolvidas no processamento do texto é a linguagem, por um lado, e a memória declarativa, por outro. Os dois sistemas, linguístico e de memórias, estão imbricados, uma vez que a linguagem depende da memória e constitui um dos conhecimentos prévios mais profundamente engramados no sistema cognitivo. Sendo assim, cognição, linguagem e leitura são áreas relacionadas ao conhecimento e dependem de uma complexa gama de processos mentais envolvidos. Esses processos estão amparados em uma rede de habilidades dos sujeitos, demandando, no caso da leitura, atenção e memória, entre outras. A memória tem seu papel importante por trazer ao sujeito diversas questões sobre o que é lido, organizando assim suas estruturas sobre o seu conhecimento sobre o assunto, e no que já sabe sobre aquilo, e sobre o que essa nova informação pode lhe trazer (IZQUIERDO, 2002).

O conhecimento de mundo é importante, pois é a partir dele que o leitor constrói o sentido do texto, ligando às memórias declarativas semânticas e episódicas. O conhecimento prévio tem uma importância dentro da leitura, que requer do leitor a lembrança de conteúdos sobre o assunto, ou seja, envolve a memória declarativa de longo e de curto prazo, pois um texto com informações

¹¹ O conceito de cognição situada parte de pressupostos emergentistas de que as estruturas conceitual e linguística são moldadas pelas peculiaridades das estruturas perceptuais humanas, a partir de um corpo que está situado cognitivamente (KLATZKY, MacWHINNEY e BEHRMANN, 2008).

totalmente novas não teria condições de ser compreendido, pois essas informações não seriam processadas por não ativarem conceitos correspondentes na memória do leitor (SÖHNGEN, 1998). Dessa forma, o conhecimento prévio é uma ferramenta que auxilia o leitor, pois através do reconhecimento de assuntos prévios os leitores podem verificar sua estrutura para aumentar seu repertório sobre o tema, mas para isso é necessário que estruturas fisiológicas participem dessa demanda, como o cérebro. Não se pode esquecer, também, que o conhecimento linguístico, implícito e explícito, é parte integrante do conhecimento de mundo.

Durante a leitura, o leitor tem a capacidade de avaliar e perceber a qualidade da compreensão que está tendo do texto. Utilizando diversas ferramentas, o leitor vai tecendo seu entendimento do sentido do texto e pode perceber quando não consegue êxito na atividade. Sendo assim, um leitor eficiente consegue saber o que fazer, quando está com problema no texto (LEFFA, 1996). Sabe, também, quando não está preparado para atender às exigências do texto, conseguindo perceber se o esforço requerido para isso vale ou não a pena pelos possíveis resultados.

Segundo Poersch (2001), os olhos captam através do nervo ótico informações que são conduzidas até o cérebro, onde inicia o processamento dos dados previamente armazenado. Como o conhecimento significa conexão sináptica, se determinado dado (input) encontrar caminho (conexão) para outro dado armazenado, esse dado é ativado. Se houve recordação e, automaticamente, a sinapse será reforçada. Se essa ativação não for possível, não encontrar caminho previamente traçado, o dado de entrada deve ser integrado a algum dado já armazenado. Essa integração consiste em estabelecer uma nova conexão; isso significa *aprender*.

Portanto, a leitura tem como objetivo a compreensão leitora, tópico que apresentamos a seguir.

2.5.1 Leitura e compreensão leitora

A leitura é um processo importante em nosso dia-a-dia. Através dela, temos acesso ao mundo que nos cerca, o que nos possibilita ver um novo horizonte através de cada nova linha. A compreensão é um dos aspectos mais

importantes da leitura, pois está estritamente ligada à construção do sentido do texto. O leitor tece sua idéia a respeito do que lê, fazendo deste processo um ato de construção particular de sentido. Cada texto é percebido levando em conta os conhecimentos prévios do leitor, trazendo suas experiências e vivências para contribuir para esse entendimento.

Kleiman (2001) afirma que uma interação ativa se estabelece entre o conhecimento prévio, de mundo, do leitor e o conhecimento trazido pelo texto. Assim, quanto mais conhecimento a respeito de um assunto o leitor tiver, mais fácil será incorporar novas informações à memória de longo prazo, por meio do gerenciamento *online* da memória de trabalho, e processar o texto, compreendendo-o. No que tange ao conhecimento linguístico, o leitor traz sua experiência sobre o código: processa o encadeamento das letras, das palavras, frases e dos parágrafos, na construção da estrutura formal e semântica do texto.

Para que se consiga compreender um texto, vários mecanismos cognitivos são recrutados, como sistemas de memória de longo e curto prazo, memória de trabalho, categorização, percepção, linguagem, grau de conhecimento prévio a respeito de um texto e do código de escrita. No que diz respeito à memória, pode-se mencionar a importância da memória de trabalho, pois através dela a informação processada é gerenciada, à medida que o leitor avança no texto, podendo assim manter o grau de atenção e processando as informações relevantes contidas no texto (IZQUIERDO, 2002). Essa atenção se torna fundamental, pois se o leitor iniciante tiver que empenhar toda a sua atenção em decifrar letras e ler o texto palavra por palavra, não sobrá espaço em sua memória de trabalho para processar o sentido das frases, isto é, vai ser difícil chegar à compreensão global do texto. Sendo assim, quanto mais automatizada for a decodificação, mais a memória de trabalho terá tempo para poder gerenciar o processamento de outros tipos de informação, como a morfossintática, a semântica e a pragmática, para chegar à compreensão textual (SIQUEIRA; ZIMMER, 2006).

Perfetti (1992) afirma que a compreensão em leitura ocorre quando há um entendimento das sentenças do texto, que se constitui de um conjunto de sentenças relacionadas, que convergem para uma finalidade de idéias nele explicitadas. Todavia, a compreensão verdadeira exige muito mais do que a

decodificação das sentenças, uma vez que o leitor acrescenta ao texto seus conhecimentos e experiências anteriores, baseados na sua percepção sobre o mundo.

A leitura ultrapassa seus próprios limites conceituais, imbricando-se com o desenvolvimento cognitivo do leitor, ou seja, com o modo pelo qual o leitor aprende. Assim, a leitura compreensiva implica aprendizagem (SÖHNGEN, 2002). A abordagem utilizada pela autora é da leitura como um processo através do qual o leitor estabelece uma relação entre as informações explícitas no texto e o seu conhecimento prévio. Nessa perspectiva, a leitura implica um processamento cognitivo de informações, a partir do uso de várias habilidades e estratégias que possibilitam ao leitor compreender o texto. Há um consenso entre pesquisadores de que a compreensão em leitura não é um processo simples, nem uniforme. Ele é constituído de diversas formas de interpretação e de desafios. Dependendo da teoria, a compreensão pode ser considerada como um processo da leitura ou como um produto da atividade leitora ou, ainda, ambos (POERSCH, 2001).

Além dos fatores brevemente expostos acima, o leitor se utiliza de estratégias para auxiliá-lo a compreender o texto. Pode-se, então, conceber o processamento da leitura como uso de estratégias. As três mais comuns são: a) a estratégia ascendente (*bottom up*); b) a estratégia descendente (*top-down*); e c) a estratégia integradora (LEFFA, 1996; SIQUEIRA; ZIMMER, 2006).

Para alguns teóricos, ler equivale a extrair significado do texto; para outros, ler significa atribuir significado ao texto (LEFFA, 1996). De acordo com os teóricos que esposam a visão da leitura como estratégia ascendente, o significado reside no texto. Dessa forma, os leitores processam a informação textual através da decodificação, ou seja, partem do reconhecimento de letras, sílabas e palavras para, então, processarem frases e parágrafos, até chegarem ao significado imanente ao texto. O uso dessa estratégia ocorre quando o leitor: 1) tem pouca experiência com o código escrito, como é o caso de crianças/adultos em fase inicial de letramento; 2) depara-se com palavras desconhecidas no texto; 3) dispõe de pouco conhecimento prévio sobre o assunto abordado no texto.

A estratégia ascendente (*bottom up*) também diz respeito às habilidades que, no leitor proficiente, tornam-se automatizadas, como o reconhecimento de letras, de palavras e de sintagmas. O fato de as estratégias ascendentes serem automatizadas nesses leitores proficientes não exclui a possibilidade de que sejam utilizadas como estratégias metacognitivas diante de palavras desconhecidas ou pouco frequentes (MOTTA, 2007).

A estratégia descendente (*top-down*), por sua vez, enfatiza o conhecimento prévio do leitor sobre o assunto que está lendo. Assim, ao usar a estratégia descendente, o leitor ajusta o texto aos seus conhecimentos culturais, sintáticos, linguísticos e/ou históricos; depois, volta ao texto para confirmar suas expectativas. Nessa estratégia o leitor prediz o conteúdo provável das partes seguintes do texto, fazendo inferências, rejeitando ou confirmando previsões, questionando as informações contidas no texto e, algumas vezes, reagindo emocionalmente ao texto (GOODMAN, 1976; LEFFA, 1996).

Já as estratégias integradoras propõem uma integração entre os modelos ascendente e descendente, ou seja, levam em conta as contribuições de ambos os processos cognitivos, os de baixo nível (identificação e decodificação) e os de alto nível (interpretação e inferências).

Percebe-se, assim, que a compreensão leitora resulta dessa interação de habilidades que são simultaneamente ativadas em um processo dinâmico denominado leitura (SIQUEIRA; ZIMMER, 2006). Além das estratégias descritas aqui, há outras habilidades que contribuem para que o leitor faça sentido daquilo que é lido.

2.5.2 Uma abordagem psicolinguística do processamento de diferentes gêneros textuais

Segundo Heinemann & Viehweger (1991), para que o processamento textual ocorra são necessários quatro grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, que compreenderia conhecimentos lexicais e gramaticais que são responsáveis pela articulação som-sentido, além de organizar o material linguístico na superfície textual; o conhecimento enciclopédico, semântico ou

conhecimento de mundo que é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, quer se trate de conhecimento declarativo, constituído por proposições a respeito do mundo; o conhecimento interacional, que se refere a questões envolvendo a natureza do conhecimento adquirido na relação social do indivíduo; e o referente a modelos textuais globais, que é aquele que permite aos falantes reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo.

Um aspecto relevante de estudos psicolinguísticos diz respeito ao processamento de diversos tipos textuais na cognição do leitor. Assim, podemos perceber que o tipo narrativo é construído a partir de uma estrutura narrativa, que se dá através de um conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas transmitidas cultural e historicamente (BROCKEMEIER, 2003). A narrativa remete às primeiras experiências na vida, pois desde a mais tenra idade a criança é posta em contato com estórias, contos, fábulas e falas das que pessoas que a cercam. Desse modo, a narrativa estabelece um importante meio de comunicação humana, pois narrar é uma habilidade inerente a nossa espécie, e para alguns estudiosos o fator de humanização de nossa história (MUNGIOLI, 2007).

Mungioli (2007) destaca que os gêneros textuais em que há predomínio do tipo narrativo são vistos como sendo de fácil compreensão pelo seu leitor, pois sua relação com os aspectos mais remotos da comunicação humana, como a fala antes da passagem do homem pela escrita, traz para a narração uma compreensão dita mais sensível ao leitor.

O texto expositivo¹², por sua vez, tem marcada a estrutura informativa, onde através de conteúdos descritos o leitor adquire uma nova informação sobre determinado tema, sendo que cabe ao leitor fazer o julgamento sobre o que é lido. Desse modo, o conhecimento prévio do leitor se torna uma ferramenta importante nesse tipo de texto, trazendo à tona informações já armazenadas em sua memória de longo prazo, fazendo com que o leitor tire suas próprias conclusões sobre o que é lido (BARETTA, 2009).

Baretta (2009) encontrou, através de testes com parágrafos expositivos e narrativos, diferenças significativas no processo de estabelecimento de

¹² O termo expositivo é um dos sinônimos usados na psicologia para texto informativo.

inferências durante a leitura. Em seu estudo, feito com eletroencefalograma (EEG), os participantes foram orientados a ler, através de um visor, textos expositivos e narrativos. Com o uso de redes de fios interligados em regiões específicas da cabeça dos sujeitos, a autora analisou, através de impulsos elétricos, como se comportaram os participantes durante a leitura. Foi verificado que, durante a leitura parágrafos de textos expositivos, os participantes apresentavam mais picos de atenção do que durante a leitura de textos narrativos. No resultado geral do experimento, foi percebido que os participantes mostraram um maior número de inferências na leitura de textos expositivos do que de textos narrativos. Isso sugere que os textos expositivos mobilizam mais algumas funções cognitivas que ajudam a compreensão leitora. Baretta (2009) analisa esses dados, comparando-os os com os de outras pesquisas, cujos textos expositivos apresentaram conteúdos complexos nos quais o conhecimento prévio do leitor não poderia ser usado, pois apresentava uma linguagem muito técnica e/ou longe da realidade dos participantes.

Em outro experimento, WOLF (2005) verificou a influência da associação semântica na memória de textos narrativos e expositivos. Nesse estudo, foi utilizada a associação semântica latente (LSA)¹³ que rodou o resultado de 18 textos, sendo nove narrativos e nove expositivos. Todos os textos continham o mesmo número de palavras. Os sujeitos foram divididos em sete grupos, com um número de 20 pessoas em cada um. Cada grupo foi solicitado a ler e evocar três textos de um determinado tipo, ou seja, três dos nove textos de um tipo particular. A ordem dos textos foi contrabalanceada de forma que cada texto aparecesse, em cada posição de série, em número igual de vezes; assim, cada grupo foi exposto ao mesmo número de texto de cada tipo. Na chegada, os participantes receberam um pacote experimental com instruções, na primeira página. As instruções foram lidas em voz alta aos participantes, e informavam que os sujeitos leriam três curtas passagens em seu próprio ritmo e que, depois disso, eles iriam realizar algumas tarefas relacionadas com as passagens dos textos. Após lerem cada texto expositivo e

¹³ O LSA é um modelo computacional de conhecimento semântico em que o significado das palavras são adquiridos por meio da procura de uma grande quantidade (acima de 115, 000 parágrafos) de textos naturalísticos. Os textos que formaram o espaço semântico usado no experimento englobam uma alta variedade de tópicos que incluem romances, textos de artes, linguagem, ciência e estudos sociais.

narrativo, todos contendo informações básicas sobre o tema, os participantes deveriam lembrar os textos lidos através de pequenos componentes, que seriam palavras-chave. E após essa leitura foi pedido que cada sujeito recordasse detalhes de cada texto, tanto expositivo como narrativo, sendo que eles não podiam voltar ao texto para verificar se sua idéia era ou não verdadeira.

Os resultados indicaram uma diferença significativa entre as taxas de evocação de textos narrativos e expositivos, sendo que esses suscitaram nos participantes uma média maior de evocação. Isso pode se dever ao fato de que os textos expositivos apresentam um nível mais alto de previsibilidade, uma vez que, se um determinado tema for abordado, sua temática não irá mudar tanto de um texto a outro; assim, se o leitor tiver já um bom conhecimento prévio sobre o assunto, fará associações rapidamente para prever e concluir sua leitura.

Já os textos em que há predomínio de sequências narrativas descrevem situações em que o leitor não sabe que eventos ocorrerão. Isso é típico das narrativas em geral. Os leitores possuem conhecimento de mundo sobre os objetos, locais, esquemas históricos, e assim por diante, mas eles não sabem a priori que eventos irão acontecer e como os eventos serão. Dessa forma, o texto narrativo mostra-se imprevisível e esse fator pode influenciar o processamento do mesmo.

Após a análise do tipo e gêneros textuais, passaremos agora para o capítulo sobre os objetivos e o método deste estudo.

3 OBJETIVOS E MÉTODO

Este capítulo trata dos objetivos e do método de pesquisa construído para implementá-la. Para essa finalidade, divide-se em duas partes principais. Na primeira parte (3.1), trataremos dos objetivos específicos e das hipóteses a eles correspondentes. Na segunda parte, apresentamos o método (3.2), que está subdividido em quatro subseções. A primeira delas (3.2.1) trata da população e da seleção da amostra (3.2.1), descrevendo o processo de seleção dos participantes e as características de cada grupo. A segunda subseção (3.2.2) traz os critérios de exclusão relativos a cada grupo de participantes, e na terceira subseção (3.2.3) são apresentados os instrumentos utilizados na amostragem e na pesquisa. Na seção 3.2.4 os instrumentos são descritos em detalhes, e são explicados os procedimentos de aplicação dos mesmos.

3.1 Objetivos e hipóteses

Tendo em mente o enfoque teórico abordado no capítulo anterior, pretende-se, nesta seção, estabelecer o objetivo geral e as hipóteses da pesquisa empírica.

A partir do objetivo geral, que é descrever e analisar o desempenho, na compreensão leitora, de dependentes químicos de crack, institucionalizados, de Pelotas, colocam-se os seguintes objetivos específicos:

- (1) Analisar o desempenho em compreensão pelos participantes usuários de drogas e não usuários de drogas, durante a leitura de textos expositivos;
- (2) estabelecer uma comparação entre o desempenho de participantes dependentes químicos e participantes não usuários de drogas, na compreensão leitora de textos narrativos;

Partindo da hipótese geral de que existe uma correlação negativa entre o uso abusivo de substâncias psicoativas, como o crack, e o desempenho da compreensão leitora, medido por meio do número de acertos no teste cloze, formularam-se as seguintes hipóteses operacionais a partir dos objetivos 1 e 2:

- 1) .O grupo de usuários de crack terá um desempenho significativamente menor no teste de compreensão leitora (procedimento Cloze) do texto narrativo, gênero fábula, do que o grupo de leitores não usuários de drogas.
- 2) O grupo de usuários de crack terá um desempenho significativamente menor no teste de compreensão leitora (procedimento Cloze) do texto narrativo, gênero conto, do que o grupo de leitores não usuários de drogas
- 3) O grupo de usuários de crack terá um desempenho significativamente menor no teste de compreensão leitora (procedimento Cloze) do texto expositivo que o grupo de leitores não usuários de drogas.

Para verificar as hipóteses acima descritas, veremos como foi elaborado o método nessa pesquisa.

3.2 Método

Esta seção visa a descrever o tipo de pesquisa de pesquisa implementada, o processo de seleção da amostra, os instrumentos utilizados na pesquisa e os procedimentos de aplicação utilizados.

3.2.1 Tipo de pesquisa, população e seleção da amostra.

A pesquisa realizada foi do tipo experimental, de natureza psicolinguística, realizada de forma caso e controle. Os dados foram coletados entre habitantes jovens da cidade de Pelotas. Os selecionados para participar da pesquisa foram divididos em dois grupos. Os participantes do primeiro grupo (usuários de drogas) foram selecionados em duas instituições de recuperação de dependentes químicos, a saber: Hospital Espírita de Pelotas e CAEX (Casa de Apoio Amor Exigente). Os participantes do segundo grupo (não usuários de drogas) foram selecionados em um curso Pré-ENEM, conforme será explicado

em detalhes na seção 3.2.5.. Os participantes de ambos os grupos pertenciam a ambos os sexos.

A amostra se constituiu de jovens que atenderam aos seguintes critérios de seleção:

- a) Grupo 1 (G1): 20 jovens, na faixa etária entre 18 e 20 anos de idade, com Ensino Médio completo há menos de dois anos, usuários de crack, com uso de aproximadamente seis meses anterior à pesquisa, e que estivessem passando, no momento da coleta, por trabalho de desintoxicação de, no mínimo, 20 dias e, no máximo, três meses.
- b) Grupo 2 (G2): 20 jovens, na faixa etária entre 18 e 20 anos de idade, com Ensino Médio completo há menos de dois anos, não usuários de drogas, e que não estivessem utilizando nenhum tipo de remédio psiquiátrico no momento da pesquisa.

Estabelecemos como critério obrigatório para os dois grupos, o Ensino Médio completo há não mais de dois anos para evitar a interveniência da variável escolaridade na pesquisa. Também delimitamos a idade para evitar outra variável com potencial de interveniência.

O número amostral calculado para esta pesquisa foi de 20 participantes do grupo de “Não usuários” e 20 do grupo “usuários de crack”. Esse tamanho de amostra é suficiente para detectar uma diferença significativa mínima de 14 acertos, entre os dois grupos, em um total de 60 acertos correspondentes ao Teste de Cloze proposto, a um nível de confiança de 95% e poder de 80%. O cálculo de tamanho de amostra foi baseado no estudo de Söhngen (2002), que encontrou média entre 41 e 46 acertos em 50 lacunas, entre 20 estudantes universitários.

Outro estudo da área (FERREIRA, 2009) analisou 19 professores universitários no teste cloze, possuindo o texto 31 lacunas. O número de 20 sujeitos, para cada grupo, é viável, dentro da proposta da presente pesquisa, tendo um bom poder de detectar diferenças significativas entre os grupos. Por não haver estudos quantitativos, com o teste cloze, em população usuária de crack e/ou de drogas, os dados para o cálculo do número amostral partiram de estudos feitos em população não usuária de drogas. Esta pesquisa foi

aprovada pelo Comitê de Ética da UCPEL, com o processo número 2010/01, em 17 de junho de 2010, Ata 04.

3.2.2 Critérios de exclusão

Alguns critérios de exclusão são comuns aos dois grupos, como ter não ter Ensino Médio completo ou tê-lo completado há mais de dois anos, e ter idade abaixo de 18 ou acima de 20 anos. Contudo, outros critérios de exclusão desta pesquisa se aplicam diferentemente ao G1 e ao G2, respectivamente.

São critérios de exclusão do G1:

- 1) Não estar desintoxicado por pelo menos 20 dias anteriormente à pesquisa e terem sido dependentes de crack há mais de 6 meses antes da desintoxicação.
- 2) Apresentar problemas neurológicos.

Foram excluídos do G2 os participantes que:

- 1) Eram usuários de drogas.
- 2) Apresentavam problemas neurológicos.

3.2.3 Instrumentos utilizados na amostragem

Foram utilizados os seguintes instrumentos para a seleção da amostra e para a pesquisa:

A) O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que é um documento que consiste de informações simples sobre a pesquisa; e um termo de consentimento do uso dos dados coletados para a pesquisa, que será assinado pelos sujeitos (Anexo A).

B) Entrevista com todos os informantes, durante a qual será aplicado questionário de rastreamento (Anexo B), a fim de se obter maiores informações sobre os sujeitos, bem como informações que, de alguma forma, poderão implicar na eliminação dos sujeitos, a partir dos critérios de exclusão.

C) O teste ASSIST 2.0 (Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas), que se constitui de oito perguntas, onde o sujeito terá que escolher sim ou não na primeira questão, e nas outras perguntas o sujeito terá que responder nunca, 1 ou 2 vezes, mensalmente, semanalmente ou diariamente. O escore se dá a partir da soma dessas perguntas e os resultados trazem uma média do grau de envolvimento e uso de drogas (Anexo C).

D) Instrumentos de compreensão de textos expositivos (gênero textual informativo) e narrativos (gêneros textuais fábula e conto), lacunados a partir do procedimento *cloze*, para avaliar a compreensão leitora, com assuntos escolhidos previamente.

Num primeiro momento, foi realizada a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, de posse desse documento, foi feita a entrevista com os participantes. Depois da entrevista, foi aplicado o teste ASSIST 2.0.

3.2.4 Descrição a aplicação dos instrumentos utilizados na pesquisa

Os participantes selecionados tiveram que participar de uma série de procedimentos, de sondagem e de pesquisa, a partir dos instrumentos descritos nas subseções a seguir.

3.2.4.1 Questionário de sondagem

O questionário de sondagem é um instrumento que tem como objetivo coletar dados iniciais dos sujeitos da pesquisa. Ele é composto de perguntas sobre problemas específicos de saúde, uso de medicamentos, hábitos cotidianos, utilização de substâncias psicoativas e hábitos de leitura, entre outros. Com o intuito de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, o questionário se propôs a ser rápido e com questões de múltipla escolha. Por ser o instrumento pertinente à primeira fase de seleção da amostra, o questionário de sondagem, além de detectar quais características podem excluir algum participante da pesquisa, permite ainda distribuir os sujeitos selecionados em um dos dois grupos.

O questionário foi aplicado individualmente pelo pesquisador em entrevistas com participantes de ambos os grupos. No grupo de drogaditos, foi realizada uma entrevista prévia nas instituições (CAEX e Hospital Espírita de Pelotas) explicando aos participantes sobre todos os procedimentos envolvidos na pesquisa e, principalmente, sobre o sigilo envolvido na identidade dos participantes, que, por se encontrarem em condição vulnerável, ficam naturalmente mais aflitos quanto à divulgação dos resultados.

3.2.4.2 O ASSIST

O uso de substâncias psicoativas sempre foi elevado entre a população em geral. Diversos dados do CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas da UNIFESP) vêm demonstrando esse aumento. Uma dos grandes problemas é encontrar um instrumento que possa medir e auxiliar na detecção da utilização de substâncias psicoativas, que seja válido, confiável e de baixo custo (HENRIQUE IFS et al., 2003). Sob a coordenação da Organização Mundial de Saúde (OMS), pesquisadores de vários países desenvolveram um instrumento para detecção do uso de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas, denominado ASSIST. Traduzido para o português brasileiro e validado no Brasil, esse teste foi realizado com 236 indivíduos, em diferentes locais do mundo. Naquele estudo, foi observada uma boa confiabilidade teste-reteste (coeficientes Kappa entre 0,58 a 0,90 para as principais questões), sendo o seu uso considerado factível em locais de assistência primária à saúde.

O teste ASSIST é um questionário estruturado que contém oito questões sobre o uso de nove classes de substâncias psicoativas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos, e opiáceos). As questões abordam a frequência de uso da droga, na vida e nos últimos três meses, problemas relacionados à utilização, preocupação a respeito da utilização por parte de pessoas próximas ao usuário, prejuízo na execução de tarefas esperadas, tentativas mal sucedidas de cessar ou reduzir o uso, sentimento de compulsão e utilização por via injetável. Cada resposta corresponde a um escore, que varia de 0 a 4, sendo que a soma total pode

variar de 0 a 20. Considera-se a faixa de escore de 0 a 3 como indicativa de uso ocasional, de 4 a 15 como indicativa de abuso e ≥ 16 como sugestiva de dependência. A versão em português utilizada foi previamente submetida a processo de tradução e retrotradução, tendo por base a versão final do instrumento, em inglês, desenvolvida na fase do projeto multicêntrico da OMS (Organização Mundial da Saúde). Esse teste destina-se a verificar o grau de envolvimento do sujeito com as drogas, como, também, seus prejuízos na vida pelo uso da mesma, sendo esse um indicador importante para a pesquisa decorrente.

Uma vez descritos os instrumentos utilizados no processo de amostragem, passamos agora à descrição do procedimento Cloze.

3.2.4.3 O procedimento cloze

O teste ou procedimento de Cloze foi introduzido por Taylor (1953) como um novo instrumento para medir a inteligibilidade de um texto. Seu nome deriva da palavra “closure” que significa fechamento, closura. Esse termo foi elaborado à luz da teoria da informação, teoria essa que tem suas raízes na Gestalt, tendo como princípio teórica a redundância existente no sistema da língua. Isso significa que os humanos apresentam tendência para completar uma forma familiar, mesmo que essa forma não esteja completa. Essa teoria sustenta que, quanto mais redundante for um elemento, mais previsível será. Sendo assim, o cloze se define como uma ocorrência bem-sucedida de tentar reproduzir de forma exata uma parte apagada de uma “mensagem”, e assim decidir, através do contexto textual, qual palavra deve preencher determinada lacuna (TAYLOR, 1953). Assim, o procedimento Cloze pode ser definido como:

Um método de interceptar uma mensagem de um transmissor (escrito ou falado), mutilando sua linguagem padrão, assim apagando suas partes e administrando para “receber” (lido ou escutado) a tentativa de fazer o padrão voltar ao seu inteiro, produzindo potencialmente um considerável número de unidades no cloze¹⁴. (TAYLOR, 1953, p. 416)

¹⁴ No original: “A method of intercepting a message from a “transmitter” (writer or speaker), mutilating its language patterns by deleting parts, and so administering it to “receivers” (readers or listeners) that

Portanto, o procedimento consiste, basicamente, na retirada de palavras ou expressões de um texto randomicamente e na colocação, em seu lugar, de uma lacuna a ser preenchida. A proposta é que o leitor preencha os espaços com as palavras consideradas mais apropriadas para completar o sentido do texto.

Através dos experimentos de Taylor (1956), foi possível verificar que o número de palavras que alguns indivíduos adivinhavam corretamente poderia indicar o quanto essa pessoa é hábil para entender a passagem em questão, já que, para a restauração do sentido da passagem original, é necessário que haja aprendizado, compreensão e a retenção de novas informações. Segundo o autor, como a compreensão em si depende de ambos, da inteligência e de conhecimento prévio, os escores do cloze poderiam, de forma quantitativa, mostrar mais do que a medida da compreensão leitora: os resultados poderiam medir a inteligência e o sucesso na aprendizagem Taylor (1956, p. 44).

O procedimento Cloze tem sido uma das técnicas mais usadas na pesquisa em leitura (LEFFA, 1996; SÖHNGEN, 1998, 2002; SANTOS, 2004; FERREIRA, 2009). Isso se deve a sua alta taxa de confiabilidade e a sua boa medição para verificar, por exemplo, outras habilidades relacionadas à leitura, tal como o conhecimento prévio do leitor sobre determinado assunto. O procedimento cloze não possui formulas rígidas, porém algumas questões sobre sua aplicação e elaboração devem ser analisadas. A primeira é a que se relaciona ao texto selecionado, pois textos muito carregados emocionalmente, muito técnicos ou com uma linguagem imprópria podem exercer diferenças significativas sobre os resultados. Outro importante fato é relativo ao tamanho do texto, sendo evitados aqueles muito curtos, ou demasiadamente longos. O padrão textual é o que possibilita lacunar o número suficiente de cinquenta palavras (SÖHNGEN, 2002). O lacunamento se dá pela soma do total de palavras dividido por cinquenta (SÖHNGEN, 1998,2002), sendo que, na origem do procedimento, através de um pequeno texto de duzentos e cinquenta

their attempts to make the patterns whole again potentially yield a considerable number of the cloze units”.

palavras, omitia-se o quinto vocábulo (TAYLOR, 1956). Existem duas formas de lacunamento: uma rígida, que consiste em apagar o quinto vocábulo do texto, não importando a função ou importância dessa palavra no texto, como nos foi trazido por Taylor, ou formas mais flexíveis como o sexto, sétimo ou nono vocábulo, ou critérios estabelecido pelo pesquisador, como alguma classe gramatical específica (LEFFA, 1996).

Após a aplicação, procede-se à correção do teste cloze, que pode ser feita de forma literal ou através de sinonímia (BORUCHOVITCH, 2007). Na correção centrada na forma literal, considera-se como correto o preenchimento da palavra exata que foi omitida, de forma a respeitar sua grafia e acentuação gráfica. Já na forma sinônima, considera-se como correto o preenchimento da lacuna não somente com a palavra exata que foi excluída, mas também com um sinônimo da palavra omitida. Essa segunda forma se mostra como uma boa opção, mesmo que a forma rígida possa parecer mais confiável e de mais fácil correção.

É importante ressaltar que nesta pesquisa, que trata de jovens dependentes químicos, a elaboração de testes *cloze* a partir de textos menores foi preferida. Foram elaborados três testes a partir de três gêneros textuais diferentes. O primeiro texto escolhido para ser lacunado foi uma fábula grega (ANEXO C), que se desenvolve através de uma trama na qual humanos, em contato com os deuses mitológicos, travam uma reflexão em torno de questões da vida, como tempo e envelhecimento. É feito um trato através do qual os humanos ganham a imortalidade. No decorrer da fábula, os humanos se arrependem do trato feito com os deuses e, como castigo, ganham a percepção distorcida do tempo: nos momentos bons, esse tempo seria curto, ao passo que os momentos ruins durariam uma eternidade.

O segundo teste foi elaborado através da lacunagem da parte inicial do conto *As mãos de meu filho*, de autoria de Érico Veríssimo (ANEXO D). Nessa história, temos a narração onisciente de uma apresentação de piano, durante a qual o pianista, ao tocar seu instrumento musical, encontra-se de modo poético com Beethoven. Através de uma análise minuciosa dos sentimentos do protagonista e de sua mãe, dona Margarida, o narrador narra a apresentação em que o pianista sente-se como Beethoven, solitário e sem perspectivas. O tamanho do texto apresentado aos participantes e lacunado é de 619 palavras.

O terceiro texto lacunado foi um texto informativo (ANEXO E), de gênero textual divulgação científica para leigos, de autoria de Lúcio Flávio. Nesse texto temos várias informações sobre a água, desde sua composição até o papel que ela desempenha no corpo humano. O texto aborda essa temática mostrando a participação que a água tem em nossa vida. Rico em detalhes, o texto mostra como ocorre todo o ciclo da água, desde sua formação, até o consumo, trazendo também dados relativos a porcentagem de água potável no planeta, como também a quantidade do corpo composta desse líquido. O autor se utiliza de linguagem acessível e com observações pertinentes sobre o tema fornecendo uma série de informações relativas à água e seu consumo com a finalidade de chamar a atenção para a necessidade de evitar o desperdício do líquido. Assim, como a maioria dos textos constituídos por sequências expositivas (informativos), este texto tem, além da finalidade de informar, também alertar, ou persuadir o leitor em relação a algum comportamento (neste caso, economizar água). Esse texto tinha 610 palavras.

3.2.5 Participantes

A coleta de dados foi realizada em dois grupos, sendo o primeiro dos usuários de drogas (Grupo 1), e o segundo dos não-usuários de drogas (Grupo 2). Nesta seção, será apresentado o perfil dos participantes em cada grupo, em relação aos hábitos de leitura e nível de uso de drogas durante a vida.

Grupo 1

Os participantes do grupo 1 tiveram seus dados coletados em um hospital psiquiátrico da cidade de Pelotas e em uma comunidade terapêutica da mesma localidade. Cada sujeito participou de quatro sessões de coleta de dados. As primeiras sessões foram feitas individualmente com cada participante, devido à necessidade de travar contato com os sujeitos. Nesse primeiro momento foram aplicados o questionário de rastreio e o ASSIST, a fim de coletarmos informações ligadas aos pré-requisitos para os participantes do grupo, como nível de escolaridade e hábitos de uso da droga na vida dos

sujeitos. Além disso, no questionário de rastreamento constavam também perguntas relativas aos hábitos de leitura dos participantes.

No que concerne ao tipo de leitura preferida, o G1 mostrou preferência pelo jornal - 70% dos participantes – e em segundo lugar, pela leitura de revistas - 20% das preferências. Os livros e revistas em quadrinhos ficaram em terceiro lugar, cada um com 5%, como mostra o gráfico abaixo. .

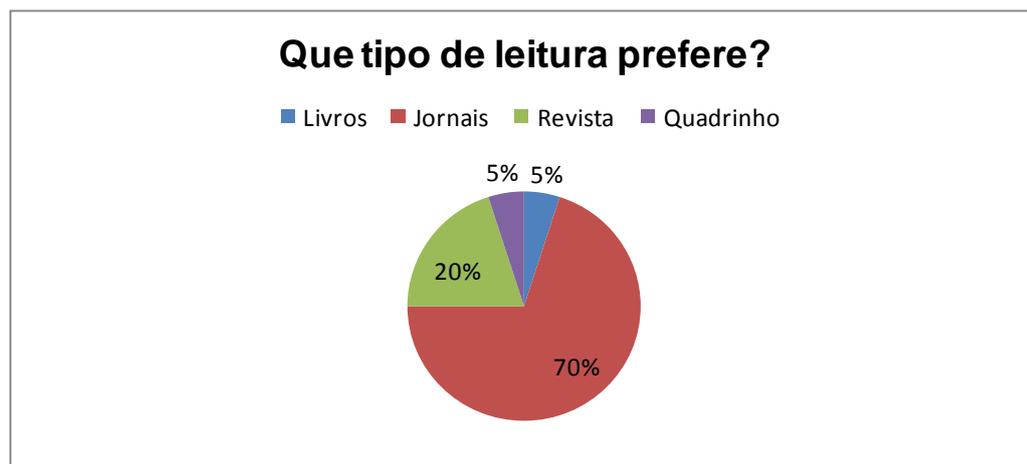


Gráfico 1- Tipo de leitura preferida dos participantes do grupo G1

Na frequência de leitura podemos observar que 70% dos participantes do G1 fazem uma hora de leitura por dia, 20% fazem duas horas de leituras, e 10% fazem mais de duas horas por dia, como mostra o gráfico.

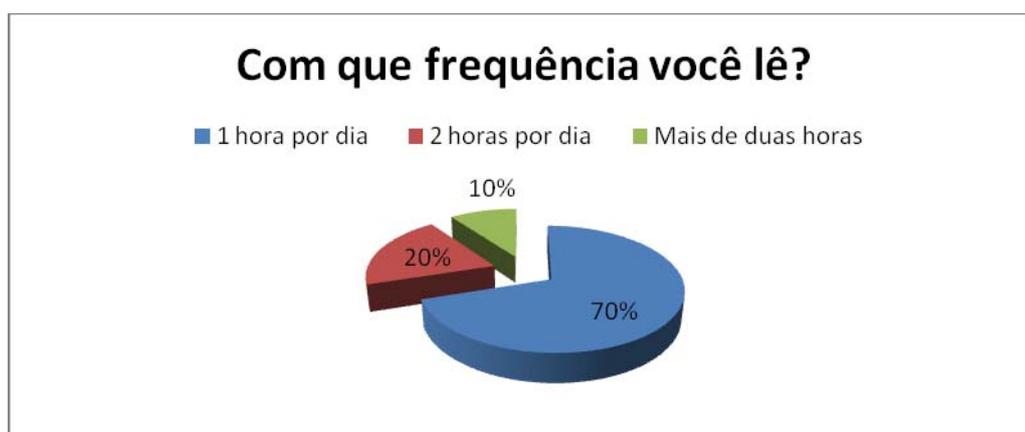


Gráfico 2- Frequência de horas de leitura ao dia entre os participantes do G1

Quanto ao teste ASSIST, o G1 obteve escore de 17 a 20 pontos, pontuação considerada como sugestiva de dependência. Neste grupo, 20%

dos sujeitos pontuaram 17 pontos, 30% dos participantes obtiveram um escore de 18 pontos, 40% dos informantes obtiveram 19 pontos. Por fim, 10% dos participantes do grupo G2 obteve o escore máximo de 20 pontos, como mostra o gráfico 1.

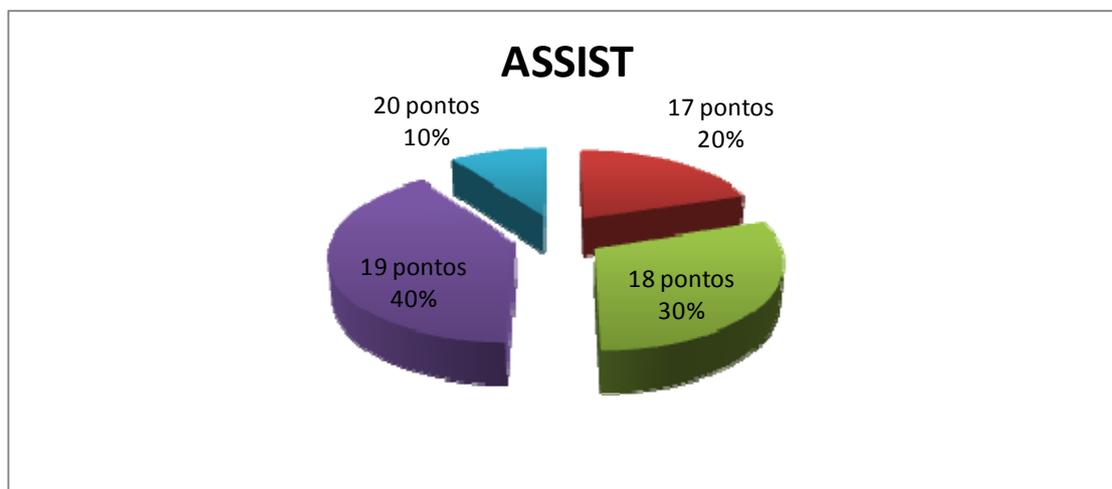


Gráfico 3- Média dos participantes do grupo G1 no teste ASSIST

No segundo encontro, os informantes foram submetidos a uma sessão piloto com o procedimento Cloze, com um pequeno texto (Anexo G) com poucas lacunas, para que os sujeitos pudessem se familiarizar com o teste. Esse momento se mostrou importante para esclarecer dúvidas. Os encontros foram realizados em grupos de cinco sujeitos, pois desse modo as atividades terapêuticas¹⁵ de que os informantes participam em suas instituições não precisavam interrompidas, não trazendo prejuízos ao tratamento. Esse número de sujeitos por encontro foi definido através de sua agenda diária de atividades. Nesse segundo encontro, os sujeitos drogaditos completaram o texto de fábula, o tempo de execução foi em torno dos quarenta e cinco minutos, sendo que alguns sujeitos ao acabar o primeiro texto demonstraram vontade de continuar o teste.

No terceiro encontro, os sujeitos foram expostos ao conto “As mãos dos meus filhos”, de autoria de Érico Veríssimo. Os participantes levaram em média

¹⁵ Na pesquisa foi necessário lidar com horários alternativos, pois os sujeitos drogaditos possuem uma rotina terapêutica que inclui trabalhos de campo e grupos terapêuticos, e atendimentos psicológicos na comunidade. E no hospital, terapia ocupacional, atendimentos médicos e psicológicos.

50 minutos para completar o procedimento, sendo que um dos sujeitos levou menos de 25 minutos para completar o teste.

No quarto encontro, os sujeitos foram expostos ao terceiro texto, um texto informativo (ou expositivo) sobre a temática da água. Os sujeitos consumiram um tempo menor para executar do procedimento, apresentando uma média de 25 a 30 minutos. Nesse último encontro, os sujeitos ainda fizeram um fechamento das atividades, relatando a importância da leitura em suas vidas e discorrendo sobre os instrumentos aplicados.

Grupo 2

O G2 foi constituído de alunos iniciais de um curso preparatório para os exames do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) na cidade de Pelotas. Os alunos foram selecionados após a verbalização em turma sobre a pesquisa e as características necessárias para fazer parte do processo, tendo sido enfatizado a idade, escolaridade e que não usam de drogas psicotrópicas como requisitos importantes.

Após a participação voluntária dos jovens, eles foram divididos em dois grupos, um grupo da turma da tarde, e outros da turma da noite. Todos os grupos foram constituídos de 10 alunos cada, tendo cada grupo os horários diferentes para que não atrapalhasse o desenvolvimento de suas atividades. Os dias de aplicação dos instrumentos eram o mesmo para todos os grupos.

No primeiro encontro, os dois grupos da tarde e o grupo da noite responderam ao questionário de sondagem e ao teste ASSIST. Os resultados desse teste apontaram uma pontuação 0 nas respostas de todos os membros do grupo G2, o que os colocou no nível mais baixo de probabilidade de uso abusivo e/ou dependência química do teste ASSIST.

No questionário de rastreio, observamos, em relação aos hábitos de leitura, observamos no que concerne ao tipo de leitura preferida, o G2 mostrou preferência pelo livro - 30% dos participantes – e em segundo lugar, pela leitura de revistas e revistas em quadrinho- 25% das preferências. Os jornais ficaram em terceiro lugar, cada um com 20%, como mostra o gráfico abaixo. .



Gráfico 4- Tipo de leitura preferida dos participantes do grupo G2

Na frequência de leitura podemos observar que 70% dos participantes do G2 lêem duas horas ao dia, 20% fazem mais de duas horas de leituras, e 10% lêem uma hora por dia, como mostra o gráfico 5, abaixo.

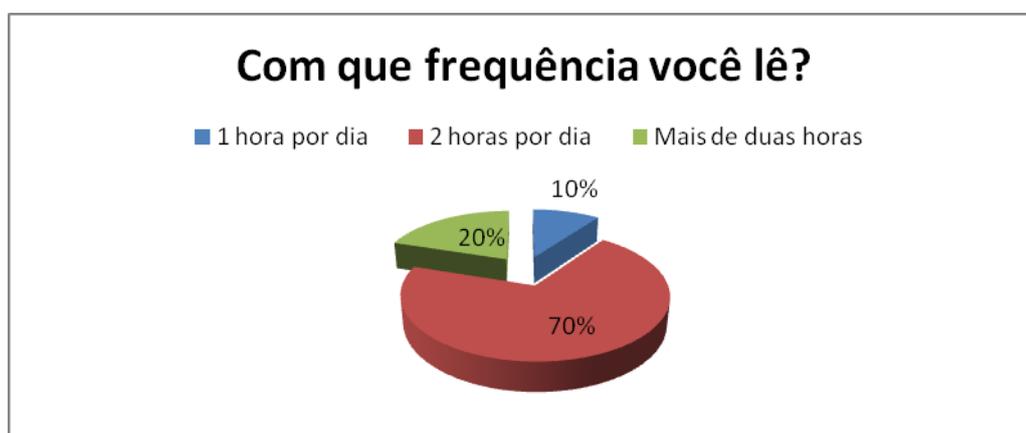


Gráfico 5 - Frequência de horas de leitura dos participantes do grupo G2

Por motivos relacionados à agenda de estudos dos participantes, o primeiro texto (a fábula) foi realizado no primeiro encontro. A média de aplicação da fábula para os grupos ficou em 30 minutos, sendo que os grupos mostraram motivação quanto ao teste.

Os sujeitos foram expostos ao texto narrativo do mesmo autor (Érico Veríssimo) no segundo encontro, levando uma média de 25 minutos para completar o teste. Os sujeitos se manifestaram, durante a aplicação, sobre o fato de que esse texto era mais difícil do que o anterior.

No terceiro encontro, os sujeitos leram o texto expositivo sobre a água, levando entre 30 a 35 minutos para completar as lacunas. Ao final desse teste foram sistematizadas algumas verbalizações sobre como foi participar da pesquisa, como também sobre os instrumentos realizados.

Uma vez expostos os objetivos específicos e o método utilizado para implementar esta pesquisa, podemos apresentar e analisar os seus resultados, no próximo capítulo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados obtidos em relação a cada hipótese, bem como as discussões os achados. Para isso, o capítulo está dividido em três seções, cada uma referente a cada hipótese desta pesquisa.

4.1 Apresentação e discussão dos resultados relativos à primeira hipótese

Conforme o referido no capítulo 2, a primeira hipótese previa que o grupo de usuários de crack (G1) teria um desempenho significativamente menor no teste de compreensão leitora (procedimento Cloze) do texto narrativo, gênero fábula, do que o grupo de leitores não usuários de drogas (G2).

Para verificar a primeira hipótese, o G1 e G2 realizaram o procedimento Cloze de um texto narrativo do gênero fábula. Os dados mostram que, no teste cloze relativo a esse gênero textual, o grupo G1 apresentou média de 21,35, com um desvio padrão de 8,11. Já o G2 obteve uma média geral de 30,4, com um desvio padrão de 5,6. Foi verificada uma diferença significativa entre os grupos no teste t ($p < 0,001$), como mostra a tabela 1.

Tabela 1- Diferenças entre Usuários de droga e não usuários de drogas no escore de total de acertos no teste Cloze 1

Participantes	Média	N	DP
Usuários de droga (G1)	21,35***	20	8,11
Não usuários (G2)	30,4	20	5,6

Uma das explicações possíveis para o desempenho mais baixo do grupo dos usuários de drogas, em primeiro lugar, é o prejuízo que o crack traz à

memória de trabalho, que está localizada no lobo frontal, região das mais afetadas entre os usuários de crack. A memória de trabalho é uma importante ferramenta de auxílio ao leitor; através de seu gerenciamento, o conteúdo lido é armazenado na memória de curto prazo e comparado ao conhecimento prévio do leitor, armazenado em sua memória de longo prazo. Assim, a memória de trabalho traz à tona o conhecimento do leitor sobre o que é lido, auxiliando-o a fazer novas conexões com o assunto do texto e armazená-las na memória de longo prazo (IZQUIERDO, 2002; KLEIMAN, 2001).

As fábulas se caracterizam por apresentarem uma história de narrativa curta, e transmitem uma mensagem moral implícita ou explícita, sendo que muitas das vezes os personagens passam por situações que mostram virtudes ou defeitos que permeiam a vida cotidiana. A forma com que o gênero fábula apresenta os fatos faz com que a moral seja mais facilmente compreendida e, de certa forma, mais leve do que se fosse escrito ou falado de forma não simbólica. Outro fato importante é que o gênero fábula traz em seu objetivo uma moral explícita ou implícita; ao entrar em contato com essa moral, o leitor compreende toda a motivação e o porquê de a história ter se desenrolado de determinada maneira. Sendo assim, pode ter ocorrido que o grupo de usuários de drogas não tenha apreendido a moral da fábula, de modo total ou de forma parcial. Isso pode ter ocorrido em virtude do decremento da capacidade de análise e julgamento, que nos usuários de drogas é afetada, fazendo com que muitas vezes o usuário se questione se entendeu algum assunto ou circunstância (OLIVEIRA, 2005).

Quando o leitor se torna mais eficiente em leitura, ele ajusta o texto aos seus conhecimentos culturais, sintáticos, linguísticos e/ou históricos, questionando e reagindo emocionalmente ao texto (LEFFA, 2006). Assim, um importante dado visto nessa comparação entre grupos sobre a compreensão do texto narrativo do gênero fábula é que o grupo dos usuários de drogas utilizou, de forma recorrente, palavras relacionadas a sua realidade nas lacunas. Esse tipo de resposta não foi descrito até o momento na literatura relativa ao emprego do procedimento cloze, porém foi observada nesta pesquisa com usuários de drogas. Por exemplo, as lacunas de número 4 e 5 aparecem em vários casos (6 participantes) preenchidas com a palavra

“droga”. Houve uma espécie de projeção¹⁶ dos drogaditos, principalmente em relação ao contexto em que estão inseridas essas lacunas:

Reunindo uma assembléia das (4)_____ sábias e experientes pessoas do lugar, eles (5)_____ o que os estava fazendo tão infelizes.

Isso pode ter ocorrido pelo fato de que essa fábula tenha trazido um conteúdo muito carregado emocionalmente – a percepção do tempo e a infelicidade - o que fez com que alguns usuários colocassem sentimentos e aflições que estivessem experienciando no momento da internação.

Söhngen (1998, 2002) comenta que o teste CLOZE deve ser produzido com textos não muito carregados emocionalmente. Contudo, o texto escolhido não privilegiou o conteúdo por ser mais ou menos emocional aos sujeitos, foi uma escolha que priorizou o assunto abordado (de forma que não seja complexo demais) e o tamanho (para que se encaixasse nas cinquenta lacunas exigidas). Assim, o aparecimento, nas lacunas, de palavras que contenham atributos emocionais pode ser interpretado como uma reação ao texto, comumente suscitada entre crianças e aparentemente exacerbada em dependentes químicos.

Passemos, agora, à apresentação dos resultados relativos à segunda hipótese.

4.1.2 Apresentação e descrição e discussão dos resultados relativos à segunda hipótese

A segunda hipótese previa que o grupo de usuários de crack (G1) teria um desempenho significativamente menor no teste de compreensão leitora (procedimento Cloze) do texto narrativo, gênero conto, do que o grupo de leitores não usuários de drogas (G2).

Os sujeitos dos dois grupos foram expostos a um texto narrativo do gênero conto. No escore total de acertos referentes a esse texto, os sujeitos usuários de drogas apresentaram uma média geral de 17,8 e um desvio padrão de 7,37, enquanto o grupo dos não drogaditos apresentou uma média de 22,25

¹⁶ Projeção, na terminologia da Psicologia de Gestalt, significa a exteriorização de conteúdos internos não resolvidos, projetando-os em objetos e/ou pessoas.

com um desvio-padrão de 6,5. Foi apurada uma diferença significativa entre os grupos ($p < 0,05$) no teste t.

Tabela 2- Diferenças entre usuários e não usuários de drogas no escore total de acertos no teste Cloze 2

Participantes	Média	N	DP
Usuários de droga (G1)	17,8*	20	7,37
Não usuários (G2)	22,25	20	6,05

As médias de acertos dos dois grupos nesse teste foram bem baixas: até mesmo o grupo dos não usuários teve apresentado uma média inferior a 50% do total de acertos possíveis (22,25, de um escore máximo de 50). Esses dados demonstram certa dificuldade que a leitura do conto colocou aos sujeitos dos dois grupos. Talvez o texto tenha sido complexo demais.

Geralmente tido como de fácil leitura, o gênero textual conto é composto por uma estrutura que gira em torno de um ou mais protagonistas. O(s) protagonista(s) demonstra(m) características pessoais, metas e sentimentos que fazem com que a história seja desenvolvida (MARCUSCHI, 2008). O foco narrativo, bem como de outras narrativas mais longas, pode se dar de duas maneiras. O protagonista pode ser caracterizado como narrador (primeira pessoa), ou o protagonista e o narrador podem ser distintos. No segundo caso, pode haver o narrador que observa os fatos ou o narrador onisciente, que seria aquele que sabe tudo sobre o que sente, pensa e age do personagem. O conto é caracterizado por ser uma narrativa curta, com poucas personagens que existem em função de um núcleo, os relato de uma situação que pode acontecer na vida das personagens, porém não é comum que os fatos sejam narrados sejam universal, podendo esses fatos ter um caráter real ou fantástico. O que difere o conto da fábula, por exemplo, é que no caso da fábula seus personagens são animais passando por experiências humanas, seu enredo se constrói com o objetivo de trazer ao leitor uma moral explícita ou implícita.

Observamos que a dificuldade em relação à leitura do conto pode ter se dado pela linguagem utilizada pelo escritor, como exemplo, na passagem:

O artista está (7) _____ à luz de cálcio. Parece um cadáver. Mas mesmo assim (8) _____ uma fonte de vida, de melodias, de sugestões — a origem (9) _____ mundo misterioso e rico. Fora do círculo luminoso pesa um (10) _____ grave e parado.

Nesse parágrafo, podemos perceber a dificuldade encontrada pelos sujeitos, pois ao lerem o texto através do contexto inicial percebem que o personagem analisa seus pensamentos e sentimentos sobre sua vida e sobre o espetáculo de piano. Nessa passagem, a frase “à luz de cálcio” dificulta o preenchimento de como o artista está. Em outro parágrafo podemos observar a dificuldade de ordem lexical que o texto pode ter imposto aos jovens.

Adágio. (22) _____ pianista sofre com Beethoven, o piano estremece, a luz mesma (23) _____ os envolve parece participar daquela mágoa profunda.

Nesse parágrafo, a palavra adágio trouxe aos leitores estranhamento e, de certa forma um desconforto, pois no grupo dos não usuários de drogas foi comum a pergunta pelo significado dessa palavra. No grupo dos usuários de drogas esse questionamento não foi feito. Isso sugere que o grupo dos não usuários utilizou o questionamento sobre o significado da palavra como um recurso cognitivo, pois a palavra desconhecida poderia ter uma importância para a compreensão da frase, mesmo que o preenchimento da lacuna seguinte não dependesse do significado dessa palavra. A palavra adágio refere-se, na linguagem musical, ao trecho da música que tem andamento vagaroso, que se passa de modo calmo, sem pressa entre um trecho e outro. Essa passagem é muito importante para dar tensão à música e, neste conto, serve para enfatizar o esforço e a emoção do pianista durante a execução desse trecho. No que se segue, percebemos o uso de linguagens próprias sobre o mundo musical, que é retratada na passagem seguinte:

Depois caem como duas asas (25) _____. Mas de súbito, ágeis e fúteis, começam a brincar no (26) _____. Um scherzo. A vida é alegre. Vamos sair para o (27) _____, dar a mão às raparigas em flor e dançar com (28) _____ ao sol...

Não comum ao mundo dos leitores que fizeram parte dessa pesquisa, o scherzo pode ter trazido certo estranhamento aos sujeitos. A palavra “scherzo” refere-se a alguns movimentos de uma composição que possuem maior duração, e significa "brincadeira" em italiano, indicando uma passagem musical executada de maneira chistosa. Por mais que o preenchimento anterior da frase “Mas súbito, ágeis e fúteis, começam a brincar no piano” parece óbvio ao contexto, o nome do trecho musical “scherzo” pode ter dificultado o entendimento da frase.

No final do conto, no último parágrafo, podemos observar uma dificuldade aos sujeitos que participaram da pesquisa:

D. Margarida olha com o rabo dos olhos para o (50) _____. Ali está ele a seu lado, pequeno, encurvado, a calva a reluzir foscamente na sombra, a boca entreaberta, o ar pateta.

Na primeira linha, o preenchimento da lacuna correta seria “marido”, porém seu preenchimento correto se tornou complicado, pois o marido da personagem em nenhum momento apareceu no transcrito do conto. Somente no final do concerto – e do conto - é que esse personagem aparece. Isso acarretou aos dois grupos uma grande dificuldade de completar essa lacuna, que no caso é a última.

Como percebemos pelo comentado até aqui, a exigência de alto nível de concentração para a compreensão desse conto pode ter parcialmente responsável pelo fraco desempenho de ambos os grupos no teste. Principalmente no que tange ao desempenho dos usuários de drogas, que apresentaram, durante o preenchimento das lacunas, dificuldades em se concentrar nas pistas contextuais para compreender o texto. Muitas das vezes notamos, por exemplo, que os usuários de drogas mantinham sua concentração por pouco tempo, fazendo com que perdessem algumas vezes a motivação para finalizar o teste. A concentração é uma ferramenta que possibilita o leitor apreender o material escrito na memória de curto prazo, e através desse caminho os leitores podem aprender e estabelecer no futuro um

resgate desse conhecimento armazenado na memória de longo prazo (VOLKOW, 1999).

É importante também analisar que o grupo dos usuários de drogas demonstrou, nessa tarefa, muita dificuldade de perceber a mensagem geral do texto. Percebemos isso, pois, à medida que iam acabando e comentando sobre a atividade, os participantes do G1 muitas vezes indagavam ao pesquisador o que a história contava realmente. Esse fato se mostra importante, pois como mostra a literatura clínica (BATISTA, 2010; FUENTES, 2008) os usuários de drogas, em especial o crack, apresentam alterações no lobo frontal, parte essa importante para o raciocínio e a compreensão.

Resumindo, a baixa performance do grupo dos usuários pode ter sido consequência de dois fatores: 1) da dificuldade imposta, em termos de conhecimento prévio linguístico (principalmente no nível lexical, em que palavras de baixíssima frequência foram utilizadas) e não linguístico (termos relacionados à música); e 2) da falta de motivação e concentração ao se depararem com um conto desse nível de dificuldade.

Por fim, ambos os grupos realizaram a atividade dentro de um tempo diferente, tendo os usuários levado 50 minutos fazendo o teste, ao passo que os não usuários levaram de 25 a 45 minutos. Percebemos, no grupo dos drogaditos, que as pausas na leitura foram mais frequentes do que no grupo dos não usuários, corroborando a idéia de que o nível de dificuldade imposto pelo texto provocou um maior nível de desmotivação e ansiedade entre os participantes do grupo de usuários de drogas.

4.1.3 Apresentação e discussão dos resultados relativos à terceira hipótese

A terceira hipótese deste trabalho previa que o grupo de usuários de crack (G1) apresentaria um desempenho significativamente menor no teste de compreensão leitora (procedimento Cloze) do texto expositivo do que o grupo de leitores não usuários de drogas (G2).

O teste cloze relativo a esse texto, denominado Cloze 3, foi elaborado através de um texto expositivo, que continha uma temática sobre água. Os

usuários de drogas obtiveram uma média geral de acertos de 21,95 e um desvio padrão de 7,33; já no grupo dos não usuários, a média foi de 28,28, com um desvio padrão de 5,34. Foi verificada diferença significativa entre os grupos ($p < 0,01$) no total de acertos geral no terceiro teste.

Tabela 3- Diferenças entre Usuários de droga e não usuários de drogas no escore de total de acertos no teste Cloze 3

Participantes	Média	N	DP
Usuários de droga (G1)	21,95**	20	7,33
Não usuários (G2)	28,28	20	5,34

O terceiro texto utilizado nessa pesquisa foi do tipo expositivo, de autoria de Lúcio Flávio (ANEXO E). O texto expositivo é um tipo textual que mobiliza bastante seus leitores. Uma das funções importantes na leitura é a atenção, pois através do que é lido o sujeito mobiliza diversos recursos cognitivos para prender o que é lido, e que para essa leitura faça sentido, e que nos usuários de drogas se mostra com certo prejuízo (FUENTES, 2008; FILLMORE, 2003; FISHBEIN, 2000). O texto expositivo mobiliza mais a atenção por apresentar conteúdos que exigem mais de seus leitores em termos de gerenciamento de conhecimento prévio. Assim, através de vários tipos de experimentos envolvendo a leitura de textos desse tipo foi possível acompanhar a mobilização de recursos da atenção na compreensão leitora (BARETTA, 2009).

Outra característica desse tipo de texto é o de ser previsível, dessa forma o leitor utiliza a previsão como estratégia mais do que utiliza no texto narrativo, pois esse recurso de prever o que virá auxilia o leitor a ter uma leitura mais rápida e proficiente (GOODMAN, 1976). Dessa forma, dependendo do grau de conhecimento prévio sobre determinado assunto, o leitor prediz o conteúdo provável das partes seguintes do texto, fazendo inferências, rejeitando ou confirmando previsões, sendo isso um recurso cognitivo de alto nível (LEFFA, 1996). O grupo dos não usuários utilizou esse recurso de modo

competente do que o de usuários, mesmo que o tema – água - tenha sido bem corriqueiro.

No texto do tipo expositivo, os resultados mostram que o grupo dos não usuários de drogas obteve um desempenho significativamente maior do que os do grupo dos usuários de drogas, mostrando um $p < 0,01$. Esse dado traz outra possibilidade, a de que para os usuários de drogas o conhecimento sobre o tema do texto por mais geral que possa parecer mostrou dados que os participantes não tinham conhecimento. Isso se verificou nas lacunas onde essas informações eram expostas, como no exemplo:

Líquida, sólida ou gasosa, a água (17) _____ faz presente em todos os continentes em cerca de 1.360.000.000 (18) _____. Desse número, 97% são correspondentes à água salgada (imprópria ao (19) _____). A quantidade de água doce é 32 vezes menor, estando (20) _____ em: 1,8% nas geleiras e icebergs, 0,96% nos lençóis freáticos, 0,02% (21) _____ rios e lagos e 0,001% na forma de vapor d'água. (22) _____ é relevante a porcentagem de água no ser humano.

Nesse parágrafo, podemos observar a presença de informações muito específicas sobre a água, a utilização de números e dados sobre expansão de território fez com que essa passagem fosse de grande dificuldade aos usuários de drogas, já para os não usuários essa passagem teve um número de acertos relativamente bom. O que se viu também é a utilização de símbolos matemáticos específicos que foram utilizados pelo grupo dos não usuários, pois no número 18 o preenchimento poderia se dar apenas com a escrita da sigla Km, porém o que se pode ver é uma alta frequência de siglas complexas como Km (quadrado e ao cubo), e ml mostrando assim ferramentas importantes de conhecimento prévio. Já o grupo dos usuários de drogas essas siglas apareceu em menor número, o que pode ser considerado também positivo, sendo esse parágrafo relativamente difícil.

O tempo de execução do texto expositivo foi 25 a 30 minutos no grupo de usuários de drogas, e de 30 a 35 minutos no grupo dos não usuários.

4.2 Discussão dos resultados relativos às três hipóteses

Na literatura sobre leitura, bem como na área da saúde, até hoje não foi investigado o desempenho de usuários de crack na compreensão leitora. Partimos da hipótese inicial de que usuários de uma droga pesada como o crack certamente apresentariam perdas significativas, em relação a jovens não usuários de drogas, termos de compreensão leitora. Contudo, não sabíamos se haveria maiores diferenças dependendo do gênero textual envolvido nos testes. Ao delinear as três hipóteses, cada qual baseada na diferença entre grupos de jovens usuários e não usuários de crack, procuramos observar se, em algum gênero textual, as diferenças entre os grupos seria mais ou menos exacerbadas.

Observamos diferentes graus de significância nas comparações entre os grupos para cada teste. No texto narrativo do gênero fábula foi observado $p < 0,001$, o que expressa a maior diferença de performance entre os dois grupos. Já no texto narrativo do gênero conto, observamos um valor de $p < 0,05$, mostrando valor significativo. Por fim, no texto expositivo de gênero divulgação científica para leigos, observamos um valor de $p < 0,01$. É interessante destacarmos que, justamente no texto narrativo de um gênero de alta popularidade como a fábula, foi encontrada a maior diferença entre grupos. Isso nos surpreendeu, pois esperávamos que os ambos os grupos obtivessem médias altas, mas isso só ocorreu no G2, que fez a maior média de acertos dentre os três textos: 30,4.

No caso do segundo texto narrativo, o conto, a diferença encontrada, ainda que significativa, foi a menor entre os grupos. Isso provavelmente se deve ao fato de que o texto foi também difícil para os não usuários de drogas, visto que os dois grupos obtiveram escores bastantes baixos. Por fim, o texto expositivo foi aquele em que os participantes do grupo G1 (dependentes químicos) obtiveram as maiores médias (21,95). Isso provavelmente se deve ao fato de que os usuários de crack, embora leiam com menos frequência do que os não usuários mantêm o hábito da leitura de jornais nas instituições de recuperação, e nos vários gêneros contidos num jornal predomina o texto do tipo informativo.

Podemos especular também sobre quais outros fatores podem ter prejudicado o grupo dos usuários. Um deles pode ter sido a falta do controle de impulsos, mencionado na seção 2.3.2. O controle de impulsos está relacionado a várias faculdades cognitivas, como atenção e memória, e é extremamente necessário para que se mantenha a atenção, constituindo-se em um importante recurso ao leitor. Na medida em que o leitor consegue controlar seus recursos, ele mobiliza seu conhecimento de mundo e consegue trabalhar seus aspectos psicológicos, tal como ansiedade, nervosismo e frustrações, fazendo que todo seu psiquismo trabalhe junto com a leitura. Sendo assim, os usuários de drogas apresentam alterações significativas nessa atividade. Essas alterações, advindas do uso do crack, modificam os níveis dopaminérgicos na fenda sináptica e, através da zona mesocorticolímbica, levam o sujeito usuário a apresentar dificuldades em controlar seus impulsos e a postergar o prazer vindo do término da atividade (BATISTA, 2010; FUENTES, 2008; FILLMORE, 2003; VOLKOW, 1999; FISHBEIN, 2000). Dessa forma, a dificuldade no controle de impulsos pode ter prejudicado os usuários de crack, que talvez não tenham conseguido adequar sua leitura e a motivação para que a compreensão do texto e contexto os guiasse na tarefa de preencher as lacunas.

Por fim, é importante ressaltar que o êxito maior do grupo de não usuários nos três testes pode se dever também ao fato de que a frequência de leitura desses participantes é maior do que a dos usuários de drogas, conforme foi apontado na seção 3.2.5. Como a frequência de leitura colabora para o desenvolvimento de uma maior rapidez e fluência na leitura (RAYNER et al, 2001), é de se esperar que, no geral, o grupo G2 tenha tido um melhor desempenho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo de conclusão, pretendemos retomar as motivações que originaram a realização desta pesquisa, procurando traçar uma relação entre os resultados obtidos através das hipóteses investigadas. Para tanto, este capítulo encontra-se dividido em duas seções: a primeira apresenta um resumo dos principais achados deste trabalho; a segunda, por sua vez, expõe as limitações deste estudo e propõe algumas sugestões que podem ser adotadas futuramente para fazer avançar a pesquisa na área de drogadição, leitura e cognição.

5.1 Resumos dos principais achados

Os mecanismos de ação das drogas e seus efeitos sobre a cognição constituem questões muito discutidas nas pesquisas atuais, tentando trazer à tona análises e descrições sobre seus prejuízos ao organismo humano. Nesta pesquisa, pudemos verificar alguns aspectos em relação a sua ação, pois a drogadição, em especial a relacionada ao crack, tem mostrado forte impacto no sistema nervoso central e sobre as funções cognitivas. Nesse aspecto, a memória foi uma função especialmente usada pelos sujeitos desta pesquisa, pois através dela pudemos observar a utilização do conhecimento prévio, função essa que possibilitou aos sujeitos dessa pesquisa a responderem de forma acertada as lacunas do Cloze.

Outro aspecto visível da presente pesquisa foi a concentração dos usuários de drogas, que parece ter sido menor do que a do grupo dos não usuários, prejudicando o desempenho do grupo dos dependentes no preenchimento das lacunas.

Sobre as hipóteses, verificamos que no gênero textual fábula houve uma diferença significativa ($p < 0,001$) entre o desempenho do grupo dos não usuários de drogas e o do grupo dos usuários de drogas. No segundo texto narrativo, o conto de Érico Veríssimo, foi observada também uma diferença muito significativa entre o grupo dos não usuários de crack e o grupo dos usuários de drogas. Destacamos, em relação ao nível de dificuldade imposta

por esse texto, a escolha de vocábulos rebuscados, de baixa frequência na língua, e de demanda de um nível de conhecimento prévio alto em termos relacionados à música. Outra importante observação feita foi a desmotivação do grupo dos usuários, pois as dificuldades apresentadas pelo texto fizeram com que se desconcentrassem e, assim, atingissem uma média baixíssima de acertos.

No terceiro e último texto foi verificado que no texto expositivo novamente houve uma diferença significativa entre o grupo dos não usuários de drogas e o grupo dos usuários de drogas.

Assim, nos três testes, observamos também a dificuldade dos usuários de drogas no que se refere à atenção, ferramenta essa importante para mobilizar recursos cognitivos para a compreensão do texto, outra observação que se faz é que a previsão é também um recurso utilizado pelos sujeitos nesse tipo textual, mostrando assim que os usuários de drogas apresentaram um déficit nesse recurso cognitivo. Como observamos diferenças significativas nos três gêneros textuais usados no procedimento cloze, as três hipóteses foram corroboradas.

Podemos afirmar, a respeito dos instrumentos usados na pesquisa, que o teste ASSIST mostra-se como um instrumento confiável na detecção de uso de droga durante a vida dos sujeitos, confirmando os dados recolhidos nos instrumentos de rastreio e da história pregressa dos participantes deste estudo. Já o procedimento Cloze como medida da compreensão leitora se mostrou também um instrumento de boa confiabilidade, sendo nessa pesquisa utilizado em três diferentes gêneros textuais e com lacunamento dentro dos padrões utilizado em outras pesquisas. Dessa forma, o procedimento cloze se mostrou válido também na verificação dos diferentes tipos textuais e seu processamento pelos sujeitos, contribuindo de forma significativa para essa pesquisa.

5.2 Limitações do trabalho e direcionamentos futuros

A dependência química continua sendo um importante tema dentro das pesquisas na área da saúde, como medicina, psicologia, enfermagem. Contudo, as consequências da dependência química sobre aspectos

psicolinguísticos que podem ter impacto nas áreas da Linguística e da Educação, como é o caso da compreensão leitora, pouquíssimo foram investigadas. É importante ressaltar, então, a importância desta pesquisa na área da dependência química, visto que o foco dessas pesquisas geralmente se restringe aos aspectos sociais e psicológicos dos dependentes, deixando, contudo, uma lacuna no que tange a outros aspectos cognitivos importantes ligados à dependência química, como os problemas de natureza psicolinguística ligados à leitura.

Desde o momento em que decidimos pesquisar a compreensão leitora entre usuários de crack, sabíamos o quanto seria difícil a tarefa que viria pela frente, pois o tema da dependência química de crack ganhou, durante os últimos anos, grande repercussão no meio acadêmico e na mídia em geral. Porém, uma dificuldade com que nos deparamos foi encontrar literatura sobre o uso de drogas e a leitura. Assim, um dos custos do ineditismo foi a necessidade, muitas vezes, de adequar a interpretação de dados sobre leitura a pesquisas que versassem sobre o uso de drogas e seus diversos prejuízos na cognição humana. A escolha de dependentes de crack como participantes, por sua vez, tornou essa pesquisa muita mais complexa, por ser o crack uma droga aparentemente nova cuja ação e prejuízos estão ainda sendo investigados.

Outro aspecto que merece destaque é a ajuda obtida pelos locais de coletas de dados, pois esta pesquisa foi realizada em contexto institucional, sendo que duas instituições eram locais de recuperação de dependentes químicos. Isso fez com que a coleta de dados desta pesquisa tivesse que se adequar à rotina desses lugares, como também à vontade dos sujeitos em participar da pesquisa em horários que eram destinados a sua recreação.

Em relação aos achados inusitados desta pesquisa, é relevante destacar o papel projetivo do aparecimento, nas lacunas, de palavras que continham atributos emocionais. Isso foi interpretado como uma reação ao texto, comumente suscitada entre crianças e que apareceu também em dependentes químicos. Assim, em pesquisas futuras, pode ser investigado o uso do procedimento Cloze como um instrumento de eliciação de material projetivo, pois na psicologia esse tipo de instrumento é de grande importância e, nesta pesquisa, isso apareceu como uma surpresa.

Por fim, é importante ressaltar o caráter inédito desta pesquisa, pois ainda não consta, nem na literatura internacional nem no Brasil, nenhum estudo relacionando o uso de drogas de altíssima morbidade, como o crack, e a compreensão leitora. Portanto, ressaltamos que esta pesquisa abre uma nova senda no estudo sobre o uso de drogas, especialmente o crack, e seus efeitos sobre a cognição, dentro área da compreensão leitora. Esperamos que esta investigação tenha dado o pontapé inicial a muitas que virão, em que os efeitos adversos de drogas como o crack possam também ser relacionados a tarefas vitais para o homem moderno, como a compreensão de diferentes tipos de textos.

6 REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Le textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992

BARETTA, Luciane; TOMITCH, Lêda, Maria Braga; MACNAIR, Nicolas; KWAN, Vanessa; WALDIE, Karen Elizabeth. **Inference making while reading narrative and expository texts: An ERP study**. *Psychology & Neuroscience*, 2009, 2, 137 - 145

BONINI, Adair. Reflexões em torno de um conceito psicolinguístico de tipo de texto. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. 2, 1999. <http://www.scielo.br/scielo>. Acessado em 03 Outubro de 2010.

BONINI, Adair. **A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam** In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

BORUCHOVITCH, Evely; Santos, Acácia Aparecida A.; Oliveira, Katya L. Análise da fidedignidade entre dois tipos de pontuação do Teste de Cloze. **Psicologia em Pesquisa** n.1 ; p. 41-51, 2007

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n.16, v.3, p. 525-535, 2003.

BRICK, John; ERICSON, Carlton. **Drugs, the brain, and behavior: the pharmacology of abuse and dependence**. Haworth Medical Press: New York/London;1950.

CHARROLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: GALVES, C. (Org.). **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 1978.

FISHBEIN, DIANA. Conceptual Framework Neuropsychological Function, Drug Abuse, and Violence. **Criminal Justice and Behavior**, v.27. n. 2, 139-159, 2000.

FLAVELL, John H; MILLER, Patrícia H; MILLER, Scott A. **Desenvolvimento cognitivo**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas 1999.

FUENTES, Daniel; MALLOY-DINIZ, Leandro F; CAMARGO, Candida H. Pires; COSENZA, Ramon Moreira. **Neuropsicologia: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HALLIDAY, M. A. K & HASAN, R. **Cohesion in Spoken and Written English**. London: Longman, 1976.

HARTMANN, P. Text als linguistische Objekt. In STEMPEL, W. (ed). **Beiträge zur textlinguistik**. Munchen: Fink, 1971, pp. 2-29

HEINEMANN, Wolfgang; VIEHWEGER D. **Textlinguistik: eine Einführung**. Tübingen, Niemeyer, 1991.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo dos gêneros textuais. In: MEURER, J.L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 108-129.

HENRIQUE, Iara Ferraz Silva et al . Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). **Revista Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 50, n. 2, 2004.

ILZA, Rosa Batista; ALMEIDA, Priscila Previato; FADEL, Gustavo; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. Neurociência do uso de substância psicoativa: O cérebro e o prazer. In: DIEHL, Alessandra; CORDEIRO, Daniel Cruz; LARANJEIRA, Ronaldo (Org). **Tratamento farmacológicos para dependência química: Da evidência científica à prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.55-74.

JAMES, Willian. **Principles of Psychology**. Dover Publications, 1950

KESSLER, F; DIEMEN, L.V; SEGANFREDO, A.C; BRANDÃO, I; SAIBRO, P; SCHEIDT, B; GRILLO, R.; RAMOS, S.P. Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas. **Revista de Psiquiatria**, n. 25, p. 33-41, 2003.

KLATZKY, Ray; MACWHINNEY, Brian; BEHRMANN, Marlene. (Eds.) **Embodied cognition**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. especial, 1999 .
<<http://www.scielo.br/scielo>. Acessado em 17 Outubro. 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRISTENSEN, Christian Haag; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de; GOMES, William Barbosa. Desenvolvimento Histórico e Fundamentos Metodológicos da Neuropsicologia Cognitiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v.14, n. 2, p 259-274, 2001 .

LEFFA, J. Vilson. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996

MATLIN, Margaret W. **Psicologia Cognitiva**. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola, 2008.

MCCLELLAND, James L; MCNAUGHTON, Brian L; O'REILLY, Randall C. Why there are complementary learning systems in the hippocampus and neocortex: insights from the successes and failures of connectionist models of learning and memory. **Psychological Review**, v. 102, n. 3, p. 419-457, 1995.

MOTA, M. B.; ZIMMER, M. C. Cognição e aprendizagem de L2: o que nos diz a pesquisa nos paradigmas simbólico e conexionista. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 2, p. 155-187, 2005.

MUNGIOLI, Maria Cristina. Apontamentos para o estudo da narrativa. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 8, n. 23, 2007. Disponível em www.revistas.univerciencia.org. Acessado em 27 out. 2010.

OLIVEIRA, Christian Candido; SCHEUER, Cláudia Inês; SCIVOLETTO, Sandra. Autobiographical and semantic memory of adolescent drug users. **Revista de Psiquiatria Clínica**, n. 34; p. 260-265, 2007.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a análise de discurso. **Estudos de linguagens**. n.1, p.9-13, 2005.

PERFETTI, Charles. A. A. (1992). Capacidade para a leitura. In: STERNBERG, R. J. (Org.). **As capacidades intelectuais humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 62-76.

POERSCH, José M; ROSSA, Adriane A. **Processamento da linguagem e conexionismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC,2007.

RAYNER, Keith; FOORMAN, Barbara; PERFETTI, Charles; PESETSKY, David; SEIDENBERG, Mark. How psychological science informs the teaching of reading. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 2, n.2, nov. 2001.

SANCHES, Zila van der Meer; NAPPO, Solange Aparecida. **Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes**. Revista de saúde pública, n.36, p. 420-430, 2002.

SKINNER, Frederic. **Tecnologia do Ensino**. São Paulo: Herder e Edusp, 1972. Tradução: Rodolpho Azzi.

SIQUEIRA, Maity Guerreiro; ZIMMER, Márcia Cristina. Aspectos linguísticos e cognitivos da leitura. *Letras*, n. 28, v. 1/2, p. 33-39, 2006.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SWALES, John. M. Genre analysis: English in academic and research settings. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990.

THORNDIKE, Edward. **Educational Psychology: The Psychology of Learning**. New York: Teachers College Press, 1913.

TAYLOR, William. L. Cloze procedure: a new tool for measuring readability. **Journalism Quarterly**, 30, 415-433, 1953.

TAYLOR, William. L. Recent development in the use of Cloze procedure. **Journalism Quarterly**, 33, 42-46, 1956.

VAN DIJK, Teun.A; KINTSCH, Walter. **Strategies of Discourse Comprehension**. New York:Academic Press, 1983.

VOLKOW, Nora D; Fowler, Joanna S. and Gene-Jack Wang. Imaging studies on the role of dopamine in cocaine reinforcement and addiction in humans. **Journal of Psychopharmacology** n. 13; p. 337-351, 1999.

WATSON, John. B. **Psychological Care of Infant and Child**. New York: W. W. Norton Company, 1928.

WOLF, Michael.B. W. Memory for Narrative and Expository Text: Independent Influences of Semantic Associations and Text Organization. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, 31, 359–364, 2005.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

A pesquisa da qual você vai participar é de natureza psicolinguística e tem como objetivo estudar a relação entre compreensão leitora e as estratégias de leitura em dependentes químicos.

Nesta pesquisa, você irá realizar três tipos de testes e um questionário. O questionário contém perguntas sobre algumas características relacionadas à sua saúde (como a presença de doenças, o uso de medicamentos), seus hábitos de vida cotidiana, entre outros. Algumas informações em relação aos seus hábitos de leitura também serão solicitadas. O primeiro tipo de teste, o ASSIST, tem como objetivo analisar o consumo de drogas durante a vida. O segundo teste será o Cloze, que tem como objetivo avaliar a compreensão leitora. Este teste é elaborado através de um texto lacunado, ou seja, uma parte do texto será retirada para que em seu lugar seja colocada a palavra que mais se encaixe com a linha do texto. Você fará lerá e preencherá três testes usando o instrumento *cloze*: um com um texto informativo e dois com textos narrativos. Cada texto terá cinquenta lacunas que você terá que completar. Nesta parte você deverá responder a perguntas em relação ao texto lido, como também durante a leitura de um deles. Cada um dos testes será realizado em diferentes dias, sendo sempre avisado sobre os dias e horário de realização.

Sua participação é livre e voluntária. Você, bem como todos os participantes desta pesquisa, terá seu nome mantido em sigilo quando da divulgação geral dos dados, em dissertação de mestrado e em artigos científicos.

Pelo presente instrumento, declaro que fui suficientemente esclarecido (a) pelo (a) psicólogo (a) Frederico Moreira sobre os procedimentos da testagem a que vou ser submetido, bem como sobre o diagnóstico, prognóstico, riscos e objetivos da pesquisa sobre compreensão leitora e as estratégias metacognitivas em dependentes químicos.

Declaro também que fui informado (a) de todos os cuidados e orientações sobre os testes que vou fazer. Estou ciente que a pesquisa não se limita ao parecer dos testes realizados, e que os resultados obtidos serão apenas para fins de pesquisa, sendo que as identidades dos participantes serão mantidas em anonimato. Pelo presente também manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização dos procedimentos acima descritos.

Pelotas, ___/___/___.

Nome e assinatura do paciente (ou representante legal)

ANEXO B



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Pesquisa: A Compreensão leitora em dependentes de crack: um estudo psicolinguístico

Esta é uma pesquisa que pretende avaliar. Agora faremos algumas perguntas a respeito da sua vida que são importantes para o estudo. Os dados obtidos neste questionário serão mantidos em segredo absoluto.

Identificação	
Quest ____	
Data entrevista ____/____/____	
1. Nome:	
2. Data de nascimento: ____/____/____	
3. Telefone para contato: _____	
4. Endereço: _____	
5. Endereço de familiar: _____	
6. Telefone de familiar: _____	
7. Sexo: (1) feminino (2) masculino	Sexo ____
8. O(A) sr(a) estudou? (1) sim (2) não (3) só assina	Estud ____
9. SE SIM: Até que ano o sr(a) completou? (1) Primeiro grau incompleto (2) Primeiro grau completo (3) Segundo grau incompleto (4) Segundo grau completo (5) Graduação completo	Grau ____
10. Quantos anos você estudou? (1) 1 ano (2) 2 anos (3) 3 anos (4) 4 anos (5) 5 anos (6) 6 anos (7) 7 anos (8) 8 anos (9) 9 anos ou mais → se maior do que 9 pedir quantos anos e anotar ao lado _____	AEst ____
11. Agora vou dizer uma lista de outros problemas de saúde e você me diga se	

<p>tem ou já teve algum?</p> <p>a) Convulsão/ataques (0) Não (1) Sim (2) Não sei</p> <p>b) Diabetes (0) Não (1) Sim (2) Não sei</p> <p>c) Alcoolismo (0) Não (1) Sim (2) Não sei</p>	<p>Conv __</p> <p>Diab __</p> <p>Alc ____</p>
<p>12. Você tem problema de visão?</p> <p>(0) Não (1) Sim, não enxergo direito (2) Sim, mas uso óculos e enxergo bem.</p>	<p>Pvis __</p>
<p>13. Você tem alguma dificuldade para falar?</p> <p>(0) Não</p> <p>(1) Sim, por causa dos dentes</p> <p>(2) Sim, mas não é por causa dos dentes; tenho problemas de articulação da fala</p>	<p>Dfalar __</p>
<p>14. Você (a) toma algum remédio para problemas emocionais ou para dormir?</p> <p>Qual o nome do(s) remédio (s)?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>Rcont __ __</p>
<p>15. Usa drogas? (1) Sim (2) Não. Se a resposta for não pule para a questão 21</p>	<p>Drga ____</p>
<p>16. Se sim qual dessas substâncias você usa?</p> <p>(1) Álcool (2) Cigarro (3) Maconha</p> <p>(4) Cocaína (5) Crack (6) Inalantes</p> <p>(7) Outros</p>	<p>Tdrga ____</p>
<p>17. Qual é a frequência de uso dessa substância?</p> <p>(1) Diária (2) Semanal (3) Ocasional</p>	<p>Fqdrga ____</p>
<p>18. Se usa, quantas vezes por dia?</p> <p>(1) 1 a 2 (2) 3 a 4 (3) 3 ou mais</p>	<p>Qtvzd ____</p>
<p>19. Se usa semanalmente, quantas vezes?</p> <p>(1) 1 a 2 (2) 3 a 4 (3) 3 ou mais</p>	<p>Qtvzs ____</p>
<p>20. Você percebe que o uso dessa substância tem prejudicado sua vida?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>Pvida ____</p>
<p>21. Você tem o hábito de ler?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>Ler ____</p>
<p>22. Que tipo de leitura prefere?</p> <p>(1) Livros (4) Quadrinhos</p> <p>(2) Jornais (5) Técnicos</p> <p>(3) Revistas</p>	<p>Tple ____</p>
<p>23. Com que frequência você lê?</p> <p>(1) 1 hora por semana</p> <p>(2) 2 horas por semana</p> <p>(3) 1 hora por dia</p> <p>(4) 2 horas por dia</p> <p>(5) Mais de duas horas por dia</p>	<p>Freq ____</p>

ANEXO C

Leia o texto abaixo e marque a resposta que mais se aproxima do seu consumo.

Anexo I – ASSIST 2.0

Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test – ASSIST – Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas

1 – Na sua vida, qual (is) dessas substâncias você já usou? (SOMENTE USO NÃO-MÉDICO)	NÃO	SIM
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermutes...)	0	1
c. Maconha (baseado, erva, hashixe...)	0	1
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, ança-perfume, benzina...)	0	1
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol).	0	1
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1
i. Opóides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1
j. Outras. Especificar: _____	0	1

2 – Durante os três últimos meses, com que frequência você utilizou essa(s) substância(s) que mencionou? (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todo dia
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2	3	4
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermutes...)	0	1	2	3	4
c. Maconha (baseado, erva, hashixe...)	0	1	2	3	4
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2	3	4
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2	3	4
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, ança-perfume, benzina...)	0	1	2	3	4
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol).	0	1	2	3	4
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2	3	4
i. Opóides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2	3	4
j. Outras. Especificar: _____	0	1	2	3	4

3 – Durante os três últimos meses, com que frequência você teve um forte desejo ou urgência em consumir? (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todo dia
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2	3	4
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermutes...)	0	1	2	3	4
c. Maconha (baseado, erva, hashixe...)	0	1	2	3	4
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2	3	4
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2	3	4
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, ança-perfume, benzina...)	0	1	2	3	4
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol).	0	1	2	3	4
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2	3	4
i. Opóides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2	3	4
j. Outras. Especificar: _____	0	1	2	3	4

4 – Durante os três últimos meses, com que frequência o seu consumo de (Primeira droga, depois a segunda droga, etc) resultou em problema de saúde, social, legal ou financeiro?	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todo dia
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2	3	4
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2	3	4
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2	3	4
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2	3	4
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2	3	4
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-bló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2	3	4
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, brax, dienpax, rohypnol).	0	1	2	3	4
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2	3	4
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2	3	4
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2	3	4

7 – Alguma vez você já tentou controlar, diminuir ou parar o uso de (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)?	NÃO, nunca	SIM, mas não nos últimos 3 meses	SIM, nos últimos 3 meses
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-bló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, brazeplan, lorax, dienpax, rohypnol...).	0	1	2
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2

8 – Alguma vez você já usou drogas por injeção? (Apenas uso não-médico)?	NÃO, nunca	SIM, mas não nos últimos 3 meses	SIM, nos últimos 3 meses
	0	1	2

Escore das questões 2.2 – 2.8

	Uso ocasional	Sugestivo de abuso	Sugestivo de dependência
Tabaco	0-3	4-15	16-20
Alcool	0-3	4-15	16-20
Maconha	0-3	4-15	16-20
Cocaína	0-3	4-15	16-20
Anfetaminas	0-3	4-15	16-20
Inalantes	0-3	4-15	16-20
Sedativos	0-3	4-15	16-20
Alucinógenos	0-3	4-15	16-20
Opiáceos	0-3	4-15	16-20

Obrigado por participar!

ANEXO D

TESTE de LEITURA – Texto 1

Esse teste que você fará, denominado procedimento *cloze*, possibilitará verificar a sua compreensão leitora. Para chegar a esse objetivo, os textos aqui expostos estão todos lacunados, ou seja, algumas palavras foram retiradas de forma aleatória. Sua função agora será preencher essas palavras que faltam, de forma que você ache aquela que mais adequadamente se encaixe em cada contexto, contribuindo para que fique claro, e gramaticalmente correto e com sentido. O primeiro texto será uma fábula, o segundo será um conto do autor Érico Veríssimo, e o terceiro um texto expositivo sobre a temática da água. Todos eles serão formados por mais ou menos os mesmos números de palavras, e todos terão os mesmos números de lacunas em cada um. O teste não tem tempo determinado de término. Passamos, então, ao primeiro teste, que consiste do preenchimento de lacunas de uma parábola.

Bom teste!

<http://recantodasletras.uol.com.br/contos/1734899>

FÁBULA GREGA

Houve uma vez um lugar onde os (1) _____ andavam muitos tristes. Ao ver aquela tristeza, (2) _____ deuses resolveram vir a terra para saber (3) _____ que estava acontecendo. Reunindo uma assembléia das (4) _____ sábias e experientes pessoas do lugar, eles (5) _____ o que os estava fazendo tão infelizes. (6) _____ responderam: “Divindades: o que está errado é (7) _____ forma como vós distribuístes a vida das (8) _____ sobre a terra. Nós nascemos, crescemos, trabalhamos, (9) _____ ricos, aprendemos coisas, ficamos sábios, e quando (10) _____ no melhor da vida, começamos a envelhecer, (11) _____ ficar doentes e morremos. Tudo aquilo que (12) _____ e aprendemos _____ de _____ nada _____ serve.” “ Isso é (13) _____”, disseram os deuses. “Mas como vocês gostariam (14) _____ fosse? Digam e nós faremos o que (15) _____ necessário para torná-los _____ felizes.” “Queremos viver eternamente”, (16) _____ os homens. “Se é isso mesmo que (17) _____”, disseram os deuses, “ isso lhes será concedido.(18) _____ pensem bem no que estão pedindo. Não (19) _____

arrependimentos

depois.”

“Sim, Divindades, é isso mesmo (20)_____ queremos.”
 Desde esse dia, a gente daquela (21)_____ deixou de morrer. Muitos anos se passaram (22)_____ os deuses resolveram voltar para ver como (23)_____ coisas andavam por lá. Encontraram um povo (24)_____ mais triste do que antes. “O que (25)_____?” perguntaram. “Não estão satisfeitos com a imortalidade?” “(26)_____, Divindades”, responderam os homens. “Mas há um (27)_____ muito sério agora.”
 “Qual?”
 “Como os velhos (28)_____ morrem, os jovens não podem tomar seus (29)_____. Assim, há uma grande insatisfação na nossa (30)_____. Muitos conflitos, muitas desavenças, as famílias se (31)_____ e os recursos necessários à nossa sobrevivência (32)_____ ficando cada vez mais escassos porque (33)_____ cada vez maior o número de pessoas (34)_____ dividi-los.”
 “ Nós avisamos vocês sobre o pedido (35)_____ fizeram.”
 “ Sim, mas estamos arrependidos por ter pedido a (36)_____.”
 “ E o que querem agora?”
 “ Que volte (37)_____ ser como antes. Que os velhos morram (38)_____ que os novos possam tomar o seu (39)_____.”
 “ Tudo bem”, disseram os deuses. “Tudo voltará (40)_____ que era antes. Mas como castigo pela (41)_____ que demonstraram, de hoje em diante o (42)_____ de vida de vocês terá duas dimensões: (43)_____ momentos felizes serão rápidos e fugazes, os (44)_____ tristes, ao contrário, serão lentos e demorados. (45)_____ suas dores serão lembradas por muito tempo, (46)_____ suas alegrias serão rapidamente esquecidas”.

E assim (47)_____ deu. Por isso é que dizemos: o (48)_____ é bom dura pouco, o que é (49)_____ nunca acaba. Cem anos de felicidade são (50)_____ um dia, um dia de dor é como um século de tristeza.

ANEXO E

TESTE de LEITURA – Texto 2

Este teste que você fará, denominado procedimento *cloze*, possibilitará verificar a sua compreensão leitora. Para chegar a esse objetivo, os textos aqui expostos estão todos lacunados, ou seja, algumas palavras foram retiradas de forma aleatória. Sua função agora será preencher essas palavras que faltam, de forma que você ache aquela que mais adequadamente se encaixe em cada contexto, contribuindo para que fique claro, e gramaticalmente correto e com sentido. O teste não tem tempo determinado de término. Passamos, então, ao segundo teste, que consiste do preenchimento de lacunas de um conto.

As mãos de meu filho

O texto acima foi publicado no livro "Contos", Editora Globo — Rio de Janeiro, 1983 e, agora, selecionado por Ítalo Moriconi, incluído em "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século", Editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2000, pág. 173.

http://www.releituras.com/everissimo_filho.asp

Erico Veríssimo

Todos aqueles homens e mulheres ali na platéia sombria parecem (1) _____ habitantes dum submundo, criaturas sem voz nem movimento, prisioneiros de (2) _____ perverso sortilégio. Centenas de olhos estão fitos na zona luminosa (3) _____ palco. A luz circular do refletor envolve o pianista e (4) _____ piano, que neste instante formam um só corpo, um monstro (5) _____ feito de nervos sonoros.

Há momentos em que o (6) _____ do instrumento ganha uma qualidade profundamente humana. O artista está (7) _____ à luz de cálcio. Parece um cadáver. Mas mesmo assim (8) _____ uma fonte de vida, de melodias, de sugestões — a origem (9) _____ mundo misterioso e rico. Fora do círculo luminoso pesa um (10) _____ grave e parado.

Beethoven lamenta-se. É feio, surdo, e vive (11) _____ conflito com os homens. A música parece escrever no ar (12) _____ palavras em doloroso desenho. Tua carta me lançou das mais (13) _____ regiões da felicidade ao mais profundo abismo da desolação e (14) _____ dor. Não serei, pois, para ti e para os demais, (15) _____ um músico? Será então preciso que busque em mim mesmo (16) _____ necessário ponto de apoio, porque fora de mim não encontro (17) _____ quem me amparar. A amizade e os outros sentimentos dessa (18) _____ não serviram senão para deixar malferido o meu coração. Pois (19) _____ assim seja, então! Para ti, pobre Beethoven, não há felicidade (20) _____ exterior; tudo terás que buscar dentro de ti mesmo. Tão-(21) _____ no mundo ideal é que poderás achar a alegria.

Adágio. (22) _____ pianista sofre com Beethoven, o piano estremece, a luz mesma (23) _____ os envolve parece participar daquela mágoa profunda.

Num dado momento (24) _____ mãos do artista se imobilizam. Depois caem como duas asas (25) _____. Mas de súbito, ágeis e fúteis, começam a brincar no (26) _____. Um scherzo. A vida é alegre. Vamos sair para o (27) _____, dar a mão às raparigas em flor e dançar com (28) _____ ao sol... A melodia, no entanto, é uma superfície leve, (29) _____ não consegue esconder o desespero que tumultua nas profundezas. Não (30) _____, o claro jogo continua. A música saltitante se esforça (31) _____ ser despreocupada e ter alma leve. É uma dança pueril (32) _____ cima duma sepultura. Mas de repente, as águas represadas rompem (33) _____ as barreiras, levam por diante a cortina vaporosa e ilusória, (34) _____ num estrondo se espriam numa melodia agitada de desespero. O (35) _____ se transfigura. As suas mãos galopam agitadamente sobre o teclado (36) _____ brancos cavalos selvagens. Os sons sobem no ar, enchem o (37) _____ e para cada uma daquelas pessoas do submundo eles têm (38) _____ significação especial, contam uma história diferente.

Quando o artista arranca (39) _____ último acorde, as luzes se acendem. Por alguns rápidos segundos (40) _____ como que um hiato, e dir-se-ia que os corações param (41) _____ bater. Silêncio. Os sub-homens sobem à tona da vida. Desapareceu (42) _____ mundo mágico e circular

D. Margarida tira os sapatos que (43) _____ apertam os pés, machucando os calos.

Não faz mal. Estou (44) _____ camarote. Ninguém vê.

Mexe os dedos do pé com delícia. (45) _____ sim, pode ouvir melhor o que ele está tocando, ele, (46) _____ seu Gilberto. Parece um sonho... Um teatro deste tamanho. Centenas de pessoas (47) _____, bem vestidas, perfumadas, os homens de preto, as mulheres com (48) _____ decotados — todos parados, mal respirando, dominados pelo seu filho, pelo (49) _____!

D. Margarida olha com o rabo dos olhos para o (50) _____. Ali está ele a seu lado, pequeno, encurvado, a calva a reluzir foscamente na sombra, a boca entreaberta, o ar pateta.

ANEXO F

TESTE de LEITURA – Texto 3

Este teste que você fará, denominado procedimento *cloze*, possibilitará verificar a sua compreensão leitora. Para chegar a esse objetivo, os textos aqui expostos estão todos lacunados, ou seja, algumas palavras foram retiradas de forma aleatória. Sua função agora será preencher essas palavras que faltam, de forma que você ache aquela que mais adequadamente se encaixe em cada contexto, contribuindo para que fique claro, gramaticalmente correto e com sentido. O teste não tem tempo determinado de término. Passamos, então, ao terceiro teste, que consiste do preenchimento de lacunas de um artigo informativo.

ÁGUA

Lúcio Flávio, colunista e escritor

Site: www.cmcbee.com.br/.../agua_diferentes_versoes_de_um_texto_informativo.pdf

<http://colunistas.yahoo.net/colunistas/26/index.html>

Substância líquida, transparente e inodora, em cuja composição entra duas (1) _____ de hidrogênio para uma de oxigênio. ” A definição do termo (2) _____ no dicionário evidencia a despreensão com a qual tratamos o (3) _____, motivados por certa familiaridade com o mesmo. Uma das condições (4) _____ à vida, o *hidróxido de hidrogênio* (um dos nomes científicos da (5) _____), está presente no nosso dia a dia e possui (6) _____ ímpar em nossas atividades. Certos disso, somos capazes de reconhecer (7) _____ grandeza do tema, embora nem sempre mensuremos a dimensão da (8) _____ da água em nossas vidas. A água é responsável pelas (9) _____ originárias da formação terrestre. Com a condensação do vapor d’(10) _____ (que se precipitou sobre a superfície), iniciou-se o ciclo (11) _____ água, responsável pelo resfriamento e endurecimento das rochas (até então, (12) _____ forma de magma). Desde então, a quantidade desse recurso hídrico (13) _____ a mesma. Assim, a água é o elemento unificador de (14) _____ os seres vivos da Terra, que dela carecem. Comprovou-se (15) _____, que nós, seres humanos do século XXI, ingerimos a mesma (16) _____ que dinossauros e mamutes. Líquida, sólida ou gasosa, a água (17) _____ faz presente em todos os continentes em cerca de 1.360.000.000 (18) _____. Desse número, 97% são correspondentes à água salgada (imprópria ao

(19) _____. A quantidade de água doce é 32 vezes menor, estando (20) _____ em: 1,8% nas geleiras e icebergs, 0,96% nos lençóis freáticos, 0,02% (21) _____ rios e lagos e 0,001% na forma de vapor d'água. (22) _____ é relevante a porcentagem de água no ser humano. Nosso organismo, que precisa de 2 a 4 litros de água por (23) _____, exige certa quantidade de água em cada uma de suas (24) _____. O cérebro é o órgão de maior demanda de água, (25) _____ que esta representa 92% de sua composição. Contudo, o montante (26) _____ água existente no planeta não é perpétuo. Segundo a Organização (27) _____ Nações Unidas (ONU), em 20 anos haverá escassez de água (28) _____ 60% da Terra. Cabe a nós agora, intervir nesta situação. (29) _____ preciso urgentemente quitar o desperdício. Sem água, seremos como automóveis (30) _____ gasolina ou álcool, cedo ou tarde, estagnaremos. A água é (31) _____ de bom. Com ela, lavamos nossas roupas, escovamos os dentes, (32) _____ banho, etc. Mas, o que pouca gente sabe é que (33) _____ vem sendo importante desde a formação da terra até hoje. (34) _____ começar, você sabia que hoje nosso planeta só existe por (35) _____ da água? Se não fosse ela, a terra seria uma (36) _____ bola de fogo e rochas derretidas chamadas de magma. No (37) _____, o planeta era realmente quente. Mas, o vapor de água (38) _____ surgia através dos vulcões, começou a passar para o estado (39) _____ e a cair na superfície da Terra em forma de (40) _____. Assim, o magma esfriou, endureceu e formou a crosta terrestre. (41) _____ lá pra cá, a quantidade de água na Terra é (42) _____ mesma. Hoje, não existe nem mais, nem menos água que (43) _____ Pré-História, por exemplo. Mas não é só nos mares, (44) _____ e lagos que a água se encontra, ela está dentro (45) _____ nós. Mais da metade da nossa massa é água. Por (46) _____, se você tem uma massa de 40 kg, a água (47) _____ a 28 kg. Incrível, não é mesmo! O cálculo é (48) _____. A água compõe 70% do corpo humano. Assim, é só (49) _____ uma rápida regra de três e descobrir quantos quilogramas no (50) _____ corpo são água

ANEXO G

PROCEDIMENTO CLOZE - TREINAMENTO

Antes de começar os instrumentos seria importante que todos entendam bem como se preenchem as lacunas, e qual as etapas até o término dos testes. Para isso, abaixo temos um pequeno texto para fazermos uma simulação, esse texto como vocês podem ver está lacunado, ou seja, falta uma de suas partes, seu trabalho será preencher essas lacunas com palavras que a seu ver mais se encaixe com o texto. O texto abaixo é informativo sobre a temática do futebol, é importante que você tire suas dúvidas agora para que assim possa realizar o seu teste da melhor forma possível.

Origem do futebol

<http://www.suapesquisa.com/futebol/>

Embora não _____ tenha muita certeza sobre os primórdios do _____, historiadores descobriram vestígios dos jogos de bola em várias culturas antigas. Estes _____ de bola ainda não eram o futebol, pois não havia _____ definição de regras como há hoje, porém demonstram o interesse do homem por este tipo de _____ desde os tempos antigos.

O futebol tornou-se tão popular graças a seu jeito _____ de jogar. Basta uma bola, equipes de _____ e as traves, para que, em qualquer espaço, crianças e adultos possam se divertir com _____ futebol. Na rua, na escola, no clube, no campinho do bairro _____ até mesmo no quintal de casa, _____ cedo jovens de vários cantos do mundo começam a praticar o futebol.

Bom teste e obrigado pela tua participação!